INSTITUTO SUPERIOR DE ANGOLA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

IMPACTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM CRIANÇAS DA ESCOLA PRIMÁRIA Nº386, NO MUNICÍPIO DO DANDE NA PROVÍNCIA DO BENGO NO ANO LECTIVO 2022/2023

Autora: Eva Gongo Adão

Orientador: Emanuel Sacuayela Calueio, MSc.

Luanda, 2024

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

IMPACTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM CRIANÇAS DA ESCOLA PRIMÁRIA Nº386, NO MUNICÍPIO DO DANDE NA PROVÍNCIA DO BENGO NO ANO LECTIVO 2022/2023

Trabalho de Fim de Curso apresentado ao Instituto Superior de Angola, como requisito a obtenção do grau de licenciatura em pedagogia sob a orientação do Professor Emanuel Sacuayela Calueio, MSc.

Autora: Eva Gongo Adão

Orientador: Lic. Emanuel Sacuayela Calueio, MSc.

Luanda, 2024

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

FICHA DE APROVAÇÃO

IMPACTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM CRIANÇAS DA ESCOLA PRIMÁRIA Nº386, NO MUNICÍPIO DO DANDE NA PROVÍNCIA DO BENGO NO ANO LECTIVO 2022/2023

O JÚRI

Presidente _____

1º Vogal _____

2º Vogal _____

Secretario _____

CLASSIFICAÇÃO: _____ VALORES

Data da defesa _____/_____/_____

DEDICATÓRIA

À Deus, por tudo que ele fez em minha vida, tendo ultrapassado todas as adversidades ao longo da formação. Esta realização é, especialmente, o completar de um desafio, que me foi colocado, pela minha irmã, em memória, por ter feito tanto por mim, ao longo da minha formação.

AGRADECIMENTOS

À minha família, por acreditarem na formação e me terem abraçado, nos momentos mais confusos, quando o medo e o desânimo tomavam conta de mim.

Ao professor, Emanuel Sacuayela Calueio, por compartilhar seu tempo e paciência nas correções, orientações e dividir seu conhecimento comigo.

Ao Instituto Superior de Angola (ISA), que nos disponibilizou a possibilidade da formação no grau de licenciatura.

Ao coletivo de professores do ISA, em especial o Doutor, Paulo Van-Dunem e Madalena João, por serem grandes impulsionadores e todos os colegas, que directa ou indiretamente contribuíram para que este momento fosse uma realidade.

Aos meus colegas, a vós que foram meus conselheiros e meus combatentes, juntos choramos, caímos e levantamos, muito obrigada.

EPÍGRAFE

Violência gera, prejuízos nas esferas do desenvolvimento físico, cognitivo, social, moral, emocional ou afectivo.

Kashani e Allan (1998)

RESUMO

A pesquisa aborda sobre o impacto da violência doméstica em crianças da Escola Primária nº386, no Município do Dande na Província do Bengo no ano lectivo 2022/2023. Usou-se a pesquisa descritiva, elaborou-se como pergunta de partida: Qual é o impacto da violência doméstica em crianças da Escola Primária nº386, no Município do Dande na Província do Bengo no ano lectivo 2022/2023? Para responder a nossa problemática partimos nas seguintes hipóteses: H1: A violência doméstica contribui para o baixo nível de assimilação nas crianças da Escola Primária nº386, no Município do Dande; H2: A violência doméstica desencadeia um sentimento de medo, revolta e desinteresse pela aprendizagem; H3: A violência doméstica pode ter consequências negativas no processo de ensino-aprendizagem. Os objectivos constituem as metas que se pretende atingir, objectivo geral conhecer o impacto da violência doméstica nas crianças da escola Nº386, Município do Dande. Objectivo específicos identificar o impacto da violência doméstica nas crianças da escola Nº386 e o papel dos professores no combate a essas práticas; descrever as motivações da violência e suas implicações para as crianças em idade escolar, no município do Dande; sugerir acções educativas como vetor transformador do impacto da violência doméstica em aprendizagem na escola primária Nº386 – Município do Dande. Utilizou-se o tipo de pesquisa descritiva e modelos de abordagens qualitativa e quantitativa. Desta feita compreende-se, traz consequências negativas no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, os nossos objectivos e as hipóteses foram confirmadas.

Palavras-chave: Impacto, Violência, Doméstica e Crianças.

ABSTRACT

The research approaches on the impact of the domestic violence in children of the Elementary school nº386, in the Municipal district of Dande in the Province of Bengo in the year lectivo 2022/2023. The descriptive research was Used, it was elaborated as departure question: Which is the impact of the domestic violence in children of the Elementary school nº386, in the Municipal district of Dande in the Province of Bengo in the year lectivo 2022/2023? Para to answer our problem we left in the following hypotheses: H1: The domestic violence contributed to the low assimilation level in the children of the Elementary school nº386, in the Municipal district of Dande; H2: The domestic violence unchains a fear feeling, he/she riots and indifference for the learning; H3: The domestic violence can have negative consequences in the teaching-learning process. The objectives constitute the goals that she intend to reach, general objective to know the impact of the domestic violence in the children of the school Nº386, Municipal district of Dande. Specific Objective to identify the impact of the domestic violence in the children of the school Nº386 and the teachers' paper in the combat the those practices; to describe the motivations of the violence and their implications for the children in school age, in the municipal district of Dande; to suggest educational actions as vector transformer of the impact of the domestic violence in learning in the elementary school Nº386 - Municipal district of Dande. It was used the type of descriptive research and qualitative and quantitative models of approaches. Of this done it is understood, he/she brings negative consequences in the teaching process and learning. Therefore, our objectives and the hypotheses were confirmed.

Word-key: Impact, Violence, Maidservant and Children.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....1

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... 5

1.1.Definição de termos e conceitos.....5

1.1.1. Impacto……5

1.1.2. Violência doméstica……..5

1.1.3. Criança……...….6

1.2.. Abordagem histórica da violência…….7

1.3.Lei nº25/11 de 14 de Julho, Angolana contra a violência domestica……8

1.4. Fatores Causadores da Violência Doméstica.....9

1.5. Reflexo da Violencia doméstica no contexto escolar.....10

1.6. Factores causado da violência doméstica……11

1.7. A violência e sua interferencia no processo de aprendizagem……..15

1.8. A escola é um local de segurança para as crianças……19

1.9. O papel do professor no combate a violência……19

1.10. Participação dos pais, o papel da comunidade e do estado…….23

1.11. Preparação para lidar com a violência……..25

1.12. Reflexo da violência doméstico no contexto escolar……..26

1.14. Opinião da psicologia sobre o Ambiente Vulnerável a violência doméstica.....27

1.15. Interação família e escola……...31

1.16. Os menores e a família……32

1.17. Consequências da violência doméstica no processo de ensino e aprendizagem.34

CAPÍTULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA.....35

2.1. Tipos de pesquisa**.....35**

2.2. Modelo de abordagem**.....35**

2.3. Niveis de estruturação de métodos**.....37**

2.4. Técnica de recolha de dados**.....38**

2.5. Instrumentos de recolha de dados……..39

2.6. População e amostra…….....39

2.7. Caracterização da escola……..40

2.8. Dificuldades encontradas……..41

CAPÍTULO III. DISCUSSÃO E RESULTADOS.....41

3.1. Apresentação dos resultados obtidos com o questionário dirigida aos professores……..42

3.2. Apresentação dos resultados obtidos com o questionário dirigida aos alunos……48

CONCLUSÕES.....54

SUGESTÕES.....54

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....56

APÈNDICES

ANEXOS

INTRODUÇÃO

A pesquisa aborda sobre o impacto da violência doméstica em crianças da Escola Primária nº386, no Município do Dande na Província do Bengo no ano lectivo 2023/2024.

Este trabalho sobre o impacto da violência doméstica nas crianças, abre uma oportunidade para estudar as grandes dificuldades, que os alunos apresentam na escola.

Nota-se a perca de valores intrafamiliar que rompem com a fraternidade e as relações interpessoais. Importa afirmar, que este problema, não se confina apenas no seio da família, é uma questão transversal.

Considerando o desenvolvimento cognitivo e social da criança e do adolescente no cenário escolar, e sabendo que a violência é algo que acontece em grande parte por famílias desestruturadas em algum aspecto, o professor pode ser uma nova perspectiva para estas crianças, quando ele faz parte de uma esfera que protege e conscientiza através da informação, da notificação e do acolhimento dessas pessoas.

O presente estudo tem por objectivo, conhecer o impacto da violência doméstica no ambiente escolar, especificamente quando esta chega na instituição de ensino, através do aluno no ensino fundamental. A partir daí, busca identificar os caminhos que os professores, devem seguir para contribuir na promoção dos direitos à dignidade humana e o pleno desenvolvimento pessoal e de aprendizagem de seus alunos vítimas de violência doméstica.

A violência doméstica e suas implicações na vida das crianças, constitui uma grande preocupação dos pesquisadores, pois configura um factor causador do insucesso escolar. Estudos demonstram, que a família é o núcleo fundamental da sociedade, o lugar por excelência, onde qualquer indivíduo devia sentir-se protegido, imune de qualquer tipo de acções, que o possa machucar, sendo com palavras, agressões ou qualquer tipo de injustiça.

Pelo contrário, muitas são as crianças, que preferem permanecer na escola em detrimento do seio familiar, onde os conflitos parecem intermináveis, levando as

mesmas a conviver permanentemente com situações violentas. A convivência nestes ambientes, pode desencadear problemas psicológicos preocupantes que acabam afetar a capacidade cognitiva do aluno para aprender novos conhecimentos.

Por ser a escola o local em que permanece por mais tempo- após o seio familiar- é nela em que a criança reproduzirá o que vivencia em casa. Dessa forma, a violência sofrida no lar, manifesta-se nesse ambiente em cada dia, pois cada vez mais é recorrente os casos de crianças que sofrem abusos por parte daqueles que mais deveriam presar pela sua segurança: os pais, o que torna o ato ainda mais devastador para a vida do indivíduo.

Por outro lado, a violência não é caracterizada apenas por abusos físicos, mas também sexual e psicológicos, por isso, tanto aquelas pessoas que sofrem violência intrafamiliar, quanto as que apreciam esses abusos, podem apresentar graves problemas emocionais, comportamentais e cognitivos e que pode prejudicar sobremaneira a sua capacidade, de socializar-se, de aprender e desenvolver relacionamentos positivos.

O estudo, tem relevância investigativa no contexto angolano, porque é notório um crescimento desta problemática, nas escolas e afeta diretamente o processo de ensino e aprendizagem. Assim, considerando que a situação da violência doméstica é genérica, formulamos a seguinte pergunta de partida:

- ✓ **Qual é o impacto da violência doméstica em crianças da Escola Primária nº386, no Município do Dande na Província do Bengo no ano lectivo 2022/2023?**

Hipóteses

Com vista a orientar o nosso trabalho formulamos as seguintes hipóteses:

H1: A violência doméstica contribui para o baixo nível de assimilação nas crianças da Escola Primária nº386, no Município do Dande;

H2: A violência doméstica desencadeia um sentimento de medo, revolta e desinteresse pela aprendizagem;

H3: A violência doméstica pode ter consequências negativas no processo de ensino-aprendizagem.

Objectivos

Os objectivos constituem as metas que se pretende atingir.

Objectivos geral

- ✓ Conhecer o impacto da violência doméstica nas crianças da escola Nº386, Município do Dande.

Objectivos específicos

- ✓ Identificar o impacto da violência doméstica nas crianças da escola Nº386 e o papel dos professores no combate a essas práticas;
- ✓ Descrever as motivações da violência e suas implicações para as crianças em idade escolar, no município do Dande;
- ✓ Sugerir acções educativas como vetor transformador do impacto da violência doméstica em aprendizagem na escola primária Nº386 – Município do Dande.

Delimitação e Limitação do estudo

a) Delimitação

A investigação delimitou-se da Escola Primária nº386, no Município do Dande na Província do Bengo. Este trabalho realizou-se no espaço temporal de 2022/2023.

b) Limitação:

O estudo limitou-se aos seguintes intervenientes: Director, subdirector pedagógico, professores, alunos e encarregados de Educação.

Justificativa

Nos propusemos a estudar o tema pelo facto de que, a violência doméstica e os seus vários reflexos na sociedade estão chegando directamente as crianças. Muitas vezes, por falta de instrução entram nesse senário. A educação traz benefícios a este grupo da sociedade, mudando de forma significativa este contexto, que está posto

actualmente a sociedade angolana. Neste sentido, por meio deste tema busca-se conhecer o impacto da violência doméstica no processo de ensino e aprendizagem dos alunos do ensino primário.

Viabilidade académica: A violência doméstica impõe aos alunos graves consequências pessoais, físicos, traumas, sentimentos de medo e insegurança, o que acaba por prejudicar o seu desenvolvimento como pessoa. A qui, importa salientar a importância do profissional de educação para lidar com situações de agressões, indisciplinas e de tantas outras situações que ocorrem em sala de aula e com esta formação irá contribuir para a prevenção de actos de violência no espaço escolar e todos académicos que actuarão no contexto da educação.

Viabilidade social: Considera-se este tema desafiador, uma vez que a violência doméstica é um dos principais males da sociedade, sendo responsável, em parte, pela evasão escolar, causando impactos profundos tanto físicos como psicológicos a toda comunidade envolvida neste processo.

Estrutura do Trabalho

Este trabalho está estruturado em três capítulos:

- No capítulo I. Fundamentação Teórica, onde abordou-se as definições de termos e conceitos de autores que sustentam a temática em estudo;
- No capítulo II. Metodologia de pesquisa, onde abordou-se os métodos, técnicas que usou-se para a elaboração da pesquisa;
- No capítulo III. Discussão e resultados;
- Conclusões;
- Sugestões;
- Referências Bibliográficas.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo refletiremos sobre o conceito de violência e algumas expressões que compõe o tema. De uma forma geral, vamos definir o estado da arte sobre o impacto da violência doméstica para os alunos do ensino primário.

1.1.Definição de termos e conceitos

1.1.1. Impacto

Segundo Fonseca, (2018, p.45), impacto é resultante de uma relação de uma causa e efeito**.**

De acordo com Minayo (2015, p.56), impacto, é a perturbação intensa, o que produz um efeito muito forte em abalo, consequências de uma acção, geralmente humana, para o meio ambiente.

Entende-se por impacto os resultados das acções humanas ou fenómenos, que podem ser positivos ou negativos, primários e secundários produzidos por uma intervenção de desenvolvimento previsto ou não.

1.1.2. Violência Doméstica

Para a organização mundial da saúde (2011, p.2), decreta a violência doméstica como sendo caracterizadas pelo uso intencional da força física ou ameaça contra uma pessoa, contra si próprio ou contra a comunidade que possa resultar em morte, lesão problemas de desenvolvimento ou privação e danos psicológicos.

Segundo Vázquez (1977), é toda acção ou omissão que prive uma pessoa dos seus direitos fundamentais ou seja, as ações de violência têm como ponto comum serem provocadas pelo uso abusivo do poder que uma pessoa tem sobre a outra. Um poder que é “dado” a alguém (opressor) pelo que ela representa de superior, hierarquicamente, naquele momento da vida da “outra pessoa”.

Para Pereira (2000, p. 121), demonstra claramente essa realidade e seus reflexos ao afirmar que:

> [...] não apenas essa presença evidente e cotidiana da violência representa uma novidade, como também os seus modos de manifestação constituem algo que deixa a sociedade (especialmente certos segmentos sociais) bastante perplexa. É uma

> violência que surpreende que parece vir de toda parte, pode atingir os mais diferenciados segmentos sociais, e acontecer praticamente em qualquer contexto; ganha, assim, um ar um tanto assustador.

As situações de violência têm-se proliferado de forma generalizada nos mais diversos espaços sociais, alcançando a escola e interferindo no seu trabalho de formação e qualidade do ensino e, como observa Abramovay (2003, p. 95), “a escola não seria mais representada como um lugar seguro de integração social, de socialização; não é mais um espaço resguardado. Ao contrário, tornou-se cenário de ocorrências violentas”.

Abramovay (2015, p. 8), nesse contexto da proliferação das violências na sociedade, ainda reforça que a escola além de a reproduzir, também produz formas próprias e diversas que se refletem no dia a dia escolar. A autora continua a explicação afirmando que nesse contexto a violência na escola é um fenómeno com muitas facetas que assume determinados contornos em consequência de práticas que acontecem nas escolas.

1.1.3. Criança

Para Guimarães, (1988, p. 91), a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou contra si mesmo). Para que haja violência é preciso que a intervenção física seja voluntária. A intervenção física, na qual a violência tem por finalidade destruir, ofender e coagir. A violência pode ser directa ou indirecta. É direta quando atinge de maneira imediata o corpo de quem sofre. É indireta quando opera através de uma alteração do ambiente físico no qual a vítima se encontra ou através da destruição, da danificação ou da subtração dos recursos materiais. Em ambos os casos, o resultado é o mesmo: uma modificação prejudicial do estado físico do indivíduo ou do grupo que é alvo da ação violenta.

Essa violência está marcadamente presente nos indivíduos para resolver seus mais diversos conflitos, existindo diferentes tipos de violência na sociedade, como: a violência contra a mulher, a violência psicológica, a violência física, a violência política, a violência cultural etc. Ocorre nos mais diversos espaços e instituições como na escola, na família, nas organizações, nos grupos, nos internatos, enfim, onde haja a presença do homem, além da contribuição que a miséria, a fome, a desigualdade, o

desemprego, a falta investimento em de educação e outras mazelas contribuem para o crescente quadro de violência. Vázquez (1977, p. 374) afirma que a violência é exclusiva do homem. Na medida em que ele é o único ser que para manter-se em sua legalidade propriamente humana necessita violar ou violentar constantemente uma legalidade exterior (a da natureza).

A compreensão do fenómeno da violência torna-se cada vez mais necessária para a sociedade humana, de forma que estudos possam intervir nessa realidade complexa. Para Bonamigo (2008, citado por Lima 2020, p. 731), a alusão ao termo violência, não pode estar separada do contexto que "implica referenciar valores e normas" que se modificam "no tempo e no espaço das relações sociais".

Nas formações sociais do passado, por exemplo, o sentido atribuído à violência estava mais diretamente associado à "existência de dano físico" ao passo que, nas sociedades atuais, a emergência de novas sensibilidades amplia o significado e o alcance do termo, vinculando-o às práticas de "discriminação por cor, sexo, idade, etnia, religião, escolha sexual; situações de constrangimento, exclusão ou humilhação". A ampliação dos provedores de significados alusivos à violência sugere que os processos de investigação sobre o tema não devem ser "determinados a priori, mas apreendidos nos coletivos onde se desenvolve a pesquisa".

1.2. Abordagem histórica da violência

A violência é um fenómeno antigo. Pode se manifestar nas famílias, nas escolas, nos meios sociais, o que torna de fundamental relevância a compreensão de sua definição e suas fronteiras, para que medidas possam ser tomadas e os problemas atenuados. Os primeiros estudos sobre violência na escola foram realizados na década de 70. Pois as diversas dimensões desse fenómeno passaram por mudanças e os problemas decorrentes assumiram maior gravidade. Algumas dessas notáveis transformações foram: o surgimento de armas nas escolas, a expansão do fenómeno dos gangues, a disseminação do uso de drogas. (Rchelle, 1960, p. 600).

A violência nas escolas nos dias actuais tem sido uma das fundamentais preocupações da sociedade. Ela vem atingindo a vida e a integridade física das pessoas.

A partir do final dos anos 90 viveu-se uma extensa discussão sobre a violência que está cada dia mais presente no cotidiano escolar, e isso vem afectando alunos, professores e funcionários. Quando enfocamos na violência que está presente no ambiente escolar, estamos falando em violência verbal, brigas, roubo, furto, indisciplina, incivilidades, violência moral, violência física, violência contra o património público, discriminação, humilhação, desrespeito, e muitos outros tipos de violência. (Kashani e Allan, 1998, p.88).

1.3. Lei n.º 25/11 de 14 de Julho, Angolana contra a violência domestica

De acordo com a Lei n.º 25/11 de 14 de Julho, a família é o núcleo fundamental da sociedade, exigindo protecção redobrada e especial, de acordo com os princípios consagrados na Constituição da República de Angola; Reconhecendo que a violência doméstica é um flagelo social que contribui para a desestruturação e instabilidade emocional das famílias e, consequentemente, da sociedade;

Atendendo ao facto de que os direitos fundamentais devem ser interpretados e integrados em harmonia com a Declaração Universal dos Direitos do Homem, a Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos e outros instrumentos de direito internacional, regularmente aprovados e formalmente integrados no direito angolano;

Havendo a necessidade de se prevenir e punir os actos de violência doméstica contra indefesos e debilitados física, psicológica e emocionalmente, exigindo maior cuidado dos sujeitos obrigados a protegê-los; urgindo a necessidade de se proteger a sociedade de actos de violência contra a mulher, homem, criança, idoso e adolescente, enquanto sujeitos vulneráveis à agressão;

A Assembleia Nacional aprova, por mandato do povo, nos termos das disposições combinadas da alínea: b) do artigo 161° e da alínea d) do n.°2 do artigo 166° da Constituição da República de Angola, a seguinte:

1.3.1. Definição e tipo de violência doméstica de acordo com Artigo 3.°

1. Para efeitos da presente lei, entende-se por violência doméstica, toda a acção ou omissão que cause lesão ou de formação física e dano psicológico temporário ou permanente que atente contra a pessoa humana no âmbito das relações previstas no artigo anterior.

2. Violência doméstica classifica-se em:

a) Violência sexual: qualquer conduta que obrigue a presenciar, a manter ou participar de relação sexual por meio de violência, coacção, ameaça ou colocação da pessoa em situação de inconsciência ou de impossibilidade de resistir;
b) Violência patrimonial: toda a acção que configure a retenção, a subtracção, a destruição parcial ou total dos objectos, documentos, instrumentos de trabalho, bens móveis ou imóveis, valores e direitos da vítima;
c) Violência psicológica: qualquer conduta que cause dano emocional, diminuição de autoestima ou que prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento psicosocial;
d) Violência verbal: toda a acção que envolva a utilização de impropérios, acompanhados ou não de gestos ofensivos, que tenha como finalidade humilhar e desconsiderar a vítima, configurando calúnia, difamação ou injúria;
e) Violência física: toda a conduta que ofenda a integridade ou a saúde corporal da pessoa;
f) Abandono familiar: qualquer conduta que desrespeite, de forma grave e reiterada, a prestação de assistência nos termos da lei.

1.4. Tipos e formas de violência doméstica

É fundamental compreender como se expressam essas categorias. Nesse sentido, serão identificadas a seguir diversas situações expostas pelo estudo de Abramovay. As diferentes formas de violência são também classificadas pela OMS segundo a ‘natureza’ dos actos cometidos. Destacamos (Brasil, 2001; Krug et al., 2002):

Violência física: uso da força para produzir lesões, traumas, feridas, dores ou incapacidades.

Violência psicológica: agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a pessoa, restringir sua liberdade ou ainda isolá-la do convívio social.

Violência sexual: acto ou jogo sexual que ocorre nas relações hétero ou homossexuais e visa a estimular a vítima ou a utilizá-la para obter excitação sexual e práticas eróticas, pornográficas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças.

Negligência ou abandono: ausência, recusa ou a deserção da atenção necessária a alguém que deveria receber cuidados.

Esta forma de classificação da natureza da violência, assim como qualquer outra, é imperfeita, não traduzindo completamente a complexidade do tema. Todavia, “fornece uma estrutura útil para se compreender os complexos padrões de violência que ocorrem no mundo, bem como a violência na vida diária das pessoas, das famílias e das comunidades”.

1.5. Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola

A violência nos alunos, se manifesta por meio de situações como: vandalismo, pichações na parede, xingamentos e agressões físicas a professores, indisciplinas no recreio e roubos no ambiente escolar.

Esses comportamentos demostram que a criança, sempre viveu em um ambiente de violência, maus-tratos e abusos no contexto familiar, nas inter-relações interpessoais e comunitário.

A violência familiar e violência doméstica como sinónimos, embora as concepções sejam diferenciadas. Geralmente a noção de violência familiar relaciona-se à que ocorre entre os membros (pai, mãe, irmãos, avós, padrastos) e o termo violência doméstica se refere ao espaço do lar onde a violência ocorre (Minayo, 2009).

A violência familiar contra crianças e adolescentes é muito mais comum do que se pensa! Estudos demostram que muitas crianças sofrem violência física severa praticada pela mãe, sofrem violência por parte do pai (chutar, morder ou dar murros, espancar, ameaçar. Outras crianças vivenciam e praticam agressões entre irmãos, a

ponto de se machucarem ou se humilharem uns aos outros. Sofrem agressão verbal do pai e da mãe. Alguns já vivenciaram pelo menos um tipo de violência psicológica; testemunharam humilhação entre os pais, humilham e são humilhados pelos irmãos nas brigas do dia a dia. Vale lembrar, que a mãe é comumente quem mais se ocupa do cuidado dos filhos e é a principal responsável por educá-los.

A violência familiar faz simbiose com a violência que ocorre no ambiente escolar: práticas disciplinares inconsistentes ou excessivamente rígidas; dificuldades em ensinar mediação de conflitos para as crianças e adolescentes; falta de atenção às crianças e jovens e negligências quanto a suas necessidades (Fernández, 2005).

Segundo Minayo, (2009). Muitos dos problemas enfrentados pela escola se devem à crise da autoridade na sociedade contemporânea, perdendo-se o elo da tradição que a influência positivamente. Instituiu a técnica como principal objectivo do processo educacional e os anos de ditadura militar retiraram da problemática educacional quaisquer vestígios de análise sobre a natureza moral da educação.

Mediante a compreensão a violência familiar se aprofunda e se reproduz por meio das raízes culturais que possui. A violência cultural corresponde a todas as formas naturalizadas na cultura familiar, comunitária e institucional de uma sociedade.

A cultura reúne as formas de pensar, sentir e agir, de se comunicar, cooperar, confrontar e dirimir conflitos. “Toda cultura tende a adotar como certos, alguns comportamentos e práticas e a rechaçar outros.

A violência apresenta-se também a forma de discriminações e preconceitos que se transformam em verdadeiros mitos, prejudicando, oprimindo ou às vezes até eliminando os diferentes. Destacam-se como culturais: a violência de gênero, a violência conjugal, a violência contra crianças e jovens, a violência racial, a violência contra pessoas com deficiência e contra outros grupos etários vulneráveis como os idosos”.

1.6. Factores causadores da violência doméstica

No que diz respeito às causas da violência, os fatores apontados por todos os participantes foram: a falta de investimento na educação, o ambiente familiar violento,

o meio social, o alcoolismo, a impunidade nacional, a pobreza, as drogas, a desestrutura familiar, o preconceito, entre outros.

Para Silva e Santos (2018, p.13), as causas da violência retratam outras características e situações relacionadas a outros fatores, tais como: os programas de prevenção à violência escolar e o enfrentamento das práticas violentas nos espaços escolares devem levar em conta as diferentes características, realidades individuais e coletivas, nas quais o complexo fenômeno da violência escolar está pautado. A reflexão deve levar em conta a realidade concreta dos alunos e da família como parte envolvida nesse processo, e bem como questões políticas e ideológicas.

Desta forma, a reflexão relativa à temática deste trabalho, remete a analisar as causas da violência e seus pressupostos levando em conta outras situações que afetam o trabalho realizado nas escolas e que interferem nas relações cotidianas e nas atividades a serem desenvolvidas e nas planejadas.

Um dos participantes disse não perceber a violência na escola como algo alarmante; diz ser mais exagero dos meios de comunicação. O que está faltando, segundo esse representante, é diálogo entre professor e aluno, assim ressaltando:

A violência não está só no ambiente escolar, está em toda nossa estrutura social e a escola faz parte dessa estrutura. Na região, não vejo tanta violência o quanto dizem! Violência tem. Mas não tão crítica com se divulgam nos meios de comunicação; participo do ambiente escolar e não percebo essa violência toda; garotos que são vistos como problemáticos nas escolas são os mais criativos e os motivos de suas inquietações é por falta de diálogo construtivo entre a comunidade escolar (professores, alunos, pais), pois os “diálogos” que se vê nesses ambientes são impositivos, hierarquizando os relacionamentos, que professor é professor, aluno é aluno e não falam a mesma língua, não têm diálogo horizontal.

Segundo Oliveira (2008), coerente com parte dos dados dos participantes, a desigualdade social que atinge as relações humanas é, certamente, um dos fatores que contribuem de maneira marcante à degeneração do comportamento humano. De acordo com os participantes, os professores e orientadores não podem ser considerados desencadeadores de violência, pois eles estão no ambiente escolar

para mediar os conflitos existentes, exercitando o respeito e a tolerância, promovendo a paz para o ambiente escolar. Porém, para eles, o governo pode desencadear a violência.

Na perspectiva de Fante (2005), realça que, na visão dos docentes, os alunos é que são violentos, como se professores, Directores, coordenadores pedagógicos fossem isentos de práticas violentas. Eles não se percebem desencadeadores de atitudes violentas. Mas, contrário ao que foi falado por alguns participantes, um professor fez o seguinte comentário: “sim, professores despreparados para a função do magistério podem piorar a situação na escola. Pode haver discriminação por parte do profissional em relação aos alunos violentos”.

Além da crise de autoridade e de valores, outros factores endógenos à própria escola favorecem a eclosão da violência. Dentre eles ressaltam-se:

a) ênfase em rendimento escolar e o pouco tempo destinado à atenção individualizada a cada aluno, facilitando o fracasso escolar;

b) discrepância de valores culturais de grupos étnicos ou religiosos e os da escola;

c) Hierarquização rígida da relação professor e aluno, criando dificuldades de assegurar a transmissão de conhecimentos técnicos e, principalmente, dos valores fundantes da vida em sociedade. A perda da autoridade, que se iniciou na esfera política afetou a esfera privada, e por essa razão a autoridade foi contestada, em primeiro lugar, na família e na escola (Arendt, 1961). Para Barretto (1992).

Ameaças: De acordo com Abramovay (2002), as ameaças compreendem as primeiras modalidades de violência contra a pessoa, ou seja, são promessas explícitas de gerar danos ou de violar a integridade física ou moral, a liberdade 20 os bens de outrem. Acontece no espaço escolar, entre alunos e entre membros do corpo técnico-pedagógico, ameaças a eles próprios, como também aos pais e funcionários.

As ameaças podem ou não se concretizar em violências físicas, o que gera um clima de tensões cotidianas. Relatos indicam que algumas delas efetivamente passam a agressões físicas por parte dos alunos, quando são colocados para fora da sala de

aula ou são suspensos e/ou são proibidos de entrar por terem chegado atrasados. Agentes de segurança e inspetores de disciplina também seriam ameaçados por aplicarem advertências e sanções nas falhas disciplinares e impontualidade (Abramovay, 2002, p. 235).

Para Abramovay (2015) destaca ainda que ameaças ou as agressões verbais, produzidas por jovens e adolescentes, muitas vezes compreendidos como fatores menores, têm um impacto sobre o sentimento de violência experimentado por alunos, uma das portas de violências físicas.

1.6.1. A violência ou bullying

A violência ou bullying, Fante (2005) define, a palavra bullying como um termo de origem inglesa, mas que está sendo mundialmente adotado para definir a vontade que uma pessoa tem de maltratar e colocar sob tensão outra pessoa; é um termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais.

Constantino (2004 p. 69), define bullying como um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica, é uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores e os confronta como vítima predestinada.

Para Constantino (2004), não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças que, sistematicamente, com violência física ou psicológica. São repetidamente impostos aos indivíduos particularmente mais vulneráveis, incapazes de se defenderem, o que os leva na maioria das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização.

Na optica Abramovay (2019), considera que há várias pesquisas sobre o bullying, mas ela não utiliza o conceito de bullying, mas de violência, pois considera que esse conceito seja muito restrito. O conceito exportado de Dan Olweus, menciona que o bullying é uma violência entre os pares, mas não leva em consideração o contexto de nosso país, uma vez que as violências não ocorrem apenas entre as

crianças, adolescentes e os jovens. Ele se manifesta também entre todos os atores da escola, ou seja, professor-aluno e aluno-professor.

1.6.2. Violência física e brigas

Certamente muitos dos membros da comunidade escolar já viveram ou presenciaram situações de brigas entre alunos e até mesmo entre outros membros da comunidade escolar. As brigas representam uma das modalidades de violência mais frequentes nas escolas, com ampla multiplicidade de sentidos, abrangendo desde formas de sociabilidade entre as crianças, até condutas brutais. (Abramovay, 2002, p. 236).

Segundo Assis et.al (2010), o que diferencia situações de violência são os detalhes que a caracterizam.

- ✓ Violência física: “caracterizada por abusos e uso de força física de forma intencional, não acidental, praticada por pais, responsáveis, familiares ou pessoas próximas da criança ou adolescente, com objetivo de ferir, lesar ou destruir a vítima”. (Assis et al., 2010, p.154).
- ✓ Violência psicológica: dificilmente percebida, já que não apresenta lesões visíveis; é tão perigosa e grave quanto as outras formas visíveis, “constitui-se em toda forma de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, cobranças exageradas, punições humilhantes e utilização da criança e do adolescente para atender as necessidades psíquicas do adulto”. (Assis et al., 2010, p. 157).
- ✓ Violência por forma de negligência ou abandono: “Negligências constituem em omissões dos pais ou responsáveis pela criança ou adolescente, quando deixam de prover-lhes as necessidades básicas para o desenvolvimento físico, emocional e social”. (Assis et al., 2010 p. 158).

1.7. A Violência e sua interferência no processo de aprendizagem

Estão associados à violência contra as crianças vários tipos de problemas, como queixas psicossomáticas, depressão, isolamento, pior desempenho escolar, problemas de aprendizagem, exposição a bullying. Contudo, ainda são pouco exploradas as relações entre violência e aspectos como o trabalho infantil, escolaridade dos pais, situação familiar, dentre outros (Malta, et. al., 2019).

Para (Poppovic, 1980, p. 17), “a maneira como a criança é tratada, se é rejeitada ou não, interfere em sua capacidade de aprendizagem”. Nesse sentido, a criança que é constantemente agredida, humilhada e desprezada, acaba por internalizar esse tratamento, enxergando-se como merecedora de tudo isso, e consequentemente terá uma baixa autoestima, insegurança e sentimento de incapacidade para aprender.

De acordo com Mahoney e Almeida (2005, p. 26), “quando não são satisfeitas as necessidades afetivas, estas resultam em barreiras para o processo de ensino-aprendizagem, e, portanto, para o desenvolvimento do aluno”. Dessa forma, a criança que sofre a violência doméstica tem a sua capacidade de aprendizagem prejudicada, tendo em vista, que esses atos, de forma geral, são uma negação de afecto.

Nessas condições, a criança tem todo o seu desenvolvimento comprometido, pois a afetividade e o cognitivo se encontram em um mesmo plano (Galvão, 1995), o que significa que todo e qualquer problema emocional irá refletir na sua aprendizagem.

De acordo com Weiss (2004 p. 23 citado por Rosas; Cionek, 2006, p.11) Aspectos emocionais estariam ligados ao desenvolvimento afectivo e sua relação com a construção do conhecimento é a expressão deste através da produção escolar. O não aprender pode, por exemplo, expressar uma dificuldade na relação da criança com a sua família; será o sintoma de que algo vai mal nessa dinâmica.

Durante a observação é possível perceber que os conflitos são constantes dentro e fora da sala de aula, até mesmo em momentos de descontração. As brincadeiras giram em torno da violência, nos seus actos ou palavras. A relação entre os alunos é permeada pela intolerância em alguns momentos, e até o contato com o professor é afetado.

Percebe-se que a agressividade, um dos sinais de alerta que pode indicar uma exposição à violência doméstica, é apontada como um dos comportamentos mais recorrentes entre alunos que vivem essa realidade, sendo uma das formas de responderem às agressões de que são vítimas, de acordo com os professores. É

importante salientar que nem todas as crianças com comportamento agressivo estão necessariamente expostas à violência doméstica.

1.7.1. Violência de aluno contra a escola

Consegue-se perceber que a violência é mais conhecida como vandalismo é praticada em Angola, tanto por alunos quanto por pessoas ou grupos externos à escola. Vamos tratar, neste item, apenas da que é produzida pelos alunos, já que a praticada por pessoas alheias à escola já foi referida. Ela envolve furto de materiais e equipamentos, quebra de instalações ou de equipamentos e pichações. É mais frequente na escola pública, mesmo porque, diferentemente da escola privada, esta é bastante vulnerável a esse tipo de acção, fruto de um tipo de mentalidade muito corrente de que o público é de ninguém. Algumas pesquisas mostram que algumas situações favorecem esses acontecimentos.

Mostrou também que a falta de cuidados e de manutenção da escola produz danos maiores que os causados pelo vandalismo. Esses resultados concordam com os relatados do Medrado (1995), no que se refere às condições físicas e materiais da escola: ambientes e equipamentos mal cuidados e mal conservados estão mais sujeitos à depredação que os limpos, bem arrumados e bem cuidados.

1.7.2. Quando é que a violência passa a ser violência doméstica

A expressão violência tem sua origem no latim violentia, acto de violentar, constrangimento físico ou moral ao qual se pode apresentar coação ou coerção psicológica, segundo (Rodrigues, 2017).

Na literatura a violência é conceituada de diferentes formas, e além disso, podemos observar que o conceito da violência vem se modificando com o passar do tempo seja de sociedade em sociedade ou dentro de uma mesma sociedade, conforme observa Martins e Jorge (2011). Neste sentido os autores ainda reforçam que não existe uma única percepção do que seja violência, mas uma grande variedade de conceitos que estão diretamente entrelaçados ao contexto tanto social como histórico.

Isso explica que a violência pode, portanto, ser definida como um comportamento que causa algum dano a outrem, no entanto este conceito não é absoluto e varia entre as diferentes culturas sociais. “Os diferentes padrões culturais existentes no mundo determinam que nem tudo o que é considerado abuso no nosso meio, também o é em outros países” (Martins e Jorge, 2017, p.21). Porém este não é o foco desta pesquisa.

A violência doméstica consiste em uma condição de opressão que faz com que a pessoa adoeça fisicamente e psicologicamente, aqui em especial para as crianças.

Essa condição compromete seu desenvolvimento humano, sobretudo, pelas implicações sobre o desempenho escolar (Cordeiro e Gomes et al., 2019).

Ao compreender a violência doméstica, que acontece na família, dentro do lar contra outro, Assis et. al, (2010), afirma que esta é complexa, abrangendo toda ação ou também omissão cometida por um membro familiar que prejudique o bem-estar, a integridade física e psicológica, ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro, incluindo membros da família e pessoas que passam a assumir função parental, ainda que sem laços de consanguinidade.

1.7.3. O descrédito a criança antes da violência

A violência psicológica não envolve ataque corporal, pois é expressa por palavras, gestos, olhares. No entanto, podemos afirmar que a violência física é sempre acompanhada da violência psicológica, uma vez que a violência emocional está sempre presente no ato de agredir fisicamente ou sexualmente uma criança, tornando-a presa do medo e do pavor, e impedindo, por isso, a sua reação. Quando a criança tem menos de 10 anos, a forma de violência psicológica mais comum é o amedrontamento e, entre os jovens de 17 a 19 anos, a forma mais comum é a prática da humilhação pública ou privada.

A violência psicológica, embora seja muitas vezes tratada como invisível, deixa marcas visíveis nas crianças e nos adolescentes, produzindo uma série de sintomas, tais como: distúrbios do sono, enurese, medo, dificuldades de aprendizagem, choro constante e insegurança, ou seja, causa intenso sofrimento emocional, que prejudica o desenvolvimento pleno e saudável.

A passividade, a indiferença e o desânimo também são apontados como características comuns aos alunos que convivem com a violência doméstica. Nesse sentido, as professoras dizem que as mudanças de comportamento em sala de aula servem de alerta para o que pode estar acontecendo com o aluno.

Como já vimos neste estudo, as crianças e adolescentes vítimas da violência doméstica, apresentam algumas dificuldades, refletindo, assim, na sua aprendizagem. Dessa forma vamos analisar as respostas dos professores quanto ao impacto da violência doméstica no processo de aprendizagem, foco principal desta pesquisa.

1.8. A escola, um local de segurança para as crianças

A escola também passou a ser um espaço que além do ensino, deve oferecer segurança. A criança tem o Direito à Educação, visando o desenvolvimento de sua pessoa e assegurando-se lhes: “Igualdade de condições para acesso e permanência na escola”. A legislação, portanto, tem sua existência inspirada na doutrina de proteção integral, que passa a entender a criança e o adolescente como sujeito de direitos, credores de uma proteção integral, agregando responsabilidade à família, à sociedade e ao Estado.

Na optica de Elsen et. al (2011, p 311), em seu estudo voltado à proteção da criança e do adolescente na escola e a revelação da violência doméstica:

> A escola surge como um espaço propício ao desenvolvimento de conhecimentos, atitudes e práticas que promovam a educação e a saúde das crianças – ela também exerce papel fundamental na proteção contra violências e outros danos, em especial, na revelação da violência doméstica.

Segundo Elsen et. al (2011), isso decorre pelo facto da escola ser um ambiente que favorece as relações de proximidade, afeto e confiança entre as crianças e os seus e entre as crianças e os professores. O contacto diário e o respeito mútuo que possibilita que a criança confie e conte sobre a violência que acontece em seu lar.

1.9. O papel do professor no combate a violência

Uma das figuras centrais no combate à violência na escola é o professor. Este tem um papel fundamental diante desse fenómeno que atinge as escolas. Cubas

(2006), enfatiza que, mesmo havendo um sentimento de impotência que atinge grande parte dos educadores, é quase unânime entre os pesquisadores em educação ressaltarem o papel fundamental desses profissionais nas ações de intervenção e prevenção da violência ou na reconstrução da função que a escola tem na vida dos estudantes.

Considerando o papel fundamental que o professor tem para a sociedade, sua formação deve estar intrinsecamente ligada às questões da violência, Blaya citado por Cubas (2006, p. 47) salienta que, atualmente, além das questões estruturais do trabalho docente, a formação dos profissionais de educação não colabora na constituição de pessoas preparadas para lidarem com situações conflituosas e administrar crises.

Cubas (2006), demonstra a necessidade de uma formação de qualidade ao destacar que, perante as novas exigências e demandas aos professores, não podem estar capacitados somente para ministrarem e educarem seus alunos nas disciplinas que fazem parte do currículo, mas, além disso, têm que desenvolver a competência para intervirem e impedirem comportamentos agressivos. Isso só será realizado por meio de uma formação inicial e continuada de qualidade em que se abordem os conflitos envolvendo o espaço escolar.

A partir do estudo realizado por Égide Royer (2003), percebe-se a baixa formação dos professores para lidarem com a violência escolar. Cheney e Barringer (apud Royer, 2003, p. 64), afirmam também que a falta de conhecimento e de habilidades por parte dos professores em suas interações com os jovens marginalizados é especialmente preocupante.

Segundo Cubas (2006), perante os fatos, há novas exigências na profissão de professor, que não podem ser habilitados somente para educarem os alunos nas disciplinas que fazem parte do seu currículo. Os professores devem ser capazes de intervir e de evitar comportamentos agressivos.

Para isso, Royer (2002) citado por Cubas, (2006) diz que, há oito elementos que devem fazer parte da formação dos professores, para que estes se sintam preparados

para lidar com a violência e pensar em estratégias para preveni-la nas escolas. Entre esses elementos estão:

a) A necessidade de mostrar aos professores que a violência não é algo natural, mas que é uma questão que precisa ser pensada a partir do contexto em que está inserida;

b) Que a escola pode realmente contribuir para evitar a violência. Considerando que a escola prepara os alunos para a vida social, ela pode ser a segunda oportunidade, ou até mesmo a última, de desenvolvimento das capacidades necessárias para desenvolverem habilidades e terem uma vida profissional e pessoal de sucesso;

c) Os professores devem estar atentos à necessidade de agirem de forma ativa e não reativa aos problemas que ocorrem na escola, o que deve ser pensado em um contexto de prevenção e de intervenção precoce da violência;

d) Respeitar o contexto em que a escola está inserida, pensando em um modelo de intervenção que atenda à situação particular de uma escola ou de um aluno, considerando que o problema da violência é complexo e não, necessariamente, homogêneo;

e) A necessidade de constante atualização de informações passadas aos professores a respeito da violência escolar;

f) A política de formação dos professores deve ser guiada a partir dos resultados de pesquisas confiáveis sobre o tema violência;

g) Os pais de alunos devem estar envolvidos nos projetos realizados pela escola, pois as intervenções realizadas em sala de aula não são suficientes para apresentarem resultados positivos, devem também levar em conta o ambiente em que vivem os alunos;

h) Pelo mesmo motivo apontado anteriormente, deve ser estabelecida uma parceria com a comunidade da qual a escola faz parte e dos serviços oferecidos por ela. (Royer, 2002 apud Cubas, 2006).

De maneira geral, segundo Sposito (2001, citado por Cubas, 2006, p. 99), a violência na escola traz uma relação entre uma nova forma de socialização entre os alunos na qual predomina as práticas violentas.

De facto, os professores se utilizam, em suas práticas educativas, de intervenções que estão longe de ser ideais. Embora as práticas exemplares ou eficazes sejam conhecidas, elas muito raramente são observadas na prática. É o que acontece com estratégias de intervenção provenientes do modelo de aprendizagem social.

Wehby, Simons e Canale citado por Royer (2003, p. 64), complementam o que foi citado acima, ao relatarem a má aplicação do modelo de aprendizagem social.

> [...] são frequentemente muito mal aplicadas no ambiente escolar, em especial no que tange a disciplina em geral e ao enquadramento de alunos. Assim, a aprovação em sala de aula, comunicada pelos parabéns do professor, um elemento fundamental junto aos jovens que apresentam dificuldades de comportamento na escola, é praticamente inexistente em sala de aula para jovens com dificuldades de comportamento.

São complexos os fatores que envolvem a formação do professor e suas atitudes em sala diante dos alunos e da comunidade escolar. Skiba e Peterson citado por Royer (2003, p. 66), demonstram essa realidade ao relatarem que os professores consideram insuficiente e imprópria a formação que obtiveram na universidade tanto na graduação ou em nível de pós-graduação, tendo dificuldades para lidarem com situações conflituosas em sala de aula, muitas vezes adotando posturas autoritárias, o que geralmente pode levar a agravar mais o problema de comportamento em sala.

Com uma formação inadequada para atuar diante de situações de indisciplina, os professores e gestores repetidamente utilizam a punição como medida para resolver a rebeldia, gerando um círculo de repressão. Do mesmo modo, a formação dos pais também é fraca e frequentemente a escola aponta os pais como culpados pelos problemas de comportamento dos jovens, e quer punir tanto a família quanto o aluno.

Nesse sentido, é essencial nos dias de hoje, a busca por uma ampliação da formação inicial que se teve. São necessárias especializações que “fortifiquem” a área de atuação de cada professor, que este desenvolva uma cultura e tradição de

formação permanente. Há uma especialização que todos devem se inserir, a formação para a prevenção e combate à violência escolar.

Em consonância com isto, a permanente busca pela modificação dos currículos 36 e da concepção de ensino que vem reduzindo a grade curricular dos cursos de licenciaturas. O ritmo violento em que se encontra a sociedade não afasta qualquer educador, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, de lidar, sofrer ou até praticar atos de violência. Royer (2003, pp. 69-70), enfatiza que a questão da formação básica e continuada dos professores, merece que se dedique a ela mais energia, tanto no plano da pesquisa quanto no plano da implantação de práticas formativas exemplares.

1.10. Participação dos pais, o papel da comunidade e do estado

De acordo com o diretor da escola, os pais participam minimamente na vida escolar dos filhos e somente comparecem à escola quando são chamados pela direção. Nesta realidade, a ausência da família influencia amplamente no contexto de violência.

Sendo a família o modelo inicial de socialização, ela deve construir um modelo positivo para a criança, pois a relação de afeto com as figuras paternas e maternas são os registros iniciais de experiências emocionais que repercutem na formação da personalidade do indivíduo. A falta de afeto e a ausência dos pais refletem significativamente no comportamento e nas ações dos filhos no ambiente escolar.

Para Souza (2008, p.127):

> A falta de afeto e de valores está relacionada com a frequente ausência dos pais, que em busca da sobrevivência diária, para a família deixam seus filhos com irmãos mais velhos ou babás, o que reduz cada vez mais o tempo de convívio entre pais e filhos. Essa mudança nas relações familiares tem várias implicações. O abandono pode decorrer tanto da necessidade de trabalho dos pais, quanto do total despreparo por parte dos mesmos, no trato com a criança, e ainda pela inversão de valores com relação ao papel da escola.

Desta forma, entende-se que o que acontece no ambiente escolar é reflexo de situações ocorridas no seio familiar ou de dificuldades nos aspectos socioeconômicos pelos alunos em seus respectivos ambientes.

Se os pais não estão presentes na vida escolar de seus filhos, provavelmente, estas crianças se sentem abandonadas no contexto escolar, ficando, assim, vulneráveis à violência. p.86.

A participação de pais na vida escolar dos alunos é mínima, praticamente só comparecem quando “convocados”. Certamente, essa ausência da família na escola colabora, e muito, para esse contexto de violência.

Coerentemente a esta análise, Fante (2005), explica que, os factores externos à escola são vitais para a formação da personalidade da criança, porque toda a influência que a criança adquire, está no contexto familiar.

De acordo com Royer (2002) citado por Cubas (2006), “os pais de alunos devem estar envolvidos nos projectos realizados pela escola, pois as intervenções realizadas em sala de aula não são suficientes para apresentarem resultados positivos, devem também levar em conta o ambiente em que vivem os alunos”. Constata-se, assim, a importância da família em todos os segmentos da educação de seus filhos.

O Conselho de pais e encarregados de educação são eleitos pela comunidade para acompanharem as crianças e os adolescentes, decidindo em conjunto sobre qual medida de proteção para cada caso. O Conselho de pais e encarregados de educação na sociedade deve zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente definidos na lei.

Para os participantes, somente o Estado não é suficiente no combate à violência e que é dever também da família, da escola, da igreja, da comunidade e da sociedade em geral.

O Estado é omisso, o Estado só está presente como órgão de repressão, e como repressão não combate violência. Essa ação é ineficaz, ações essas que vêm num caráter de marginalização de nossa juventude.

Quanto à importância da comunidade, o diretor enfatizou que é de suma importância o envolvimento de todos os segmentos da comunidade, principalmente da família.

1.11. Preparação para lidar com a violência

Alguns dados encontrados demonstram que, em parte, os professores encontram-se preparados porque, com as experiências do dia a dia, acabam aprendendo a contornar os problemas que surgem. Outros destacaram que não foram preparados para lidar com estes tipos de situações. Um dos participantes afirmou que “na formação acadêmica falta muito o contato com a escola real, o aluno real e sobra o ideal”. Outro professor respondeu que quase não há treinamento para ensiná-los a lidar com esse tipo de situação e que, além disso, há outras crianças em sala para serem orientadas.

Constatou-se em alguns depoimentos o medo dos professores de lidar com determinadas situações, quando elas acontecem nos arredores da escola, em especial, os problemas com o tráfico de entorpecentes. Nesse sentido, afirma Columbier (1989):

> “alunos indisciplinados e mal educados atormentam professores, e estes não apresentam condições para "controlar a bagunça que come solta dentro da sala de aula”. E o que é pior: não bastassem as conversinhas, os risinhos, as guerrinhas de papel, o respeito pela figura do professor passou a ser tão raro, como uma nota 10 em redação.

Os professores, realmente, não foram preparados para lidar com este fenômeno e acabam por utilizar de suas experiências para contornar as situações de violência.

Neste contexto, pode-se perceber que várias interferências acabam por prejudicar a todos na escola e ao seu redor, portanto há que se entender que a necessidade de transformação é necessária e pode-se afirmar que na transição pode e deve haver um diálogo estabelecido entre as partes institucionais e articuladas com a comunidade local.

A autora Rocha (2000, p. 194) sugere que:

> Para enfrentarmos a sensação de impotência de criar, o tédio institucional produzido nas instituições actuais, um outro plano real precisa de escuta: o plano das turbulências, das intensidades, nível do qual se dão as afecções [...] facultando o envolvimento, as implicações e a acção.

Percebe-se que, nesse processo pode-se compreender o porquê das implicações que acontecem no contexto escolar e que muitas vezes, não são visualizadas e, outras vezes, acontecem as vias de facto, onde alguns esclarecimentos são revelados nos factos acontecidos no interior das escolas e outros ninguéns fica sabendo do ocorrido. Portanto, torna-se necessário cada vez mais o diálogo para que os docentes, discentes e comunidade externa consigam envolver-se e partilhar conhecimentos a fim de transformações positivas e claras no interior e ao redor da escola.

1.12. Reflexo da violência doméstica no contexto escolar

Fora da sala de aula, até mesmo em momentos de descontração. As brincadeiras giram em torno da violência, nos seus atos ou palavras. A relação entre os alunos é permeada pela intolerância em alguns momentos, e até o contato com o professor é afetado. Assim, percebe-se que a agressividade, um dos sinais de alerta que pode indicar uma exposição à violência doméstica, é apontada como um dos comportamentos mais recorrentes entre alunos que vivem essa realidade, sendo uma das formas de responderem às agressões de que são vítimas, de acordo com os professores. Contudo, é importante salientar que nem todas as crianças com comportamento agressivo estão necessariamente expostas à violência doméstica.

A passividade, a indiferença e o desânimo também são apontados como características comuns aos alunos que convivem com a violência doméstica. Nesse sentido, as professoras trazem que as mudanças de comportamento em sala de aula servem de alerta para o que pode estar acontecendo com o aluno.

Tanto nas escolas de áreas carentes como nas escolas particulares ou situadas em áreas nobres.

Para Aguiar e Barrera (2017), fizeram 76 alunos do 6º ao 9º Classe do ensino secundário, com idade variando entre 10 e 15 anos, eles encontraram que haviam mais agressores masculinos que femininos na escola pública, mas que na escola

particular essas diferenças não existiam. Entretanto, tanto na pública quanto na particular foram encontradas alta incidência de agressões (recreio e sala de aula), com atitude passiva dos observadores.

1.14. Opinião da psicologia sobre o ambiente vulnerável a violência doméstica

Na psicologia, ao longo do desenvolvimento humano, estuda-se os processos sistemáticos de mudança e estabilidade que ocorrem nas pessoas. Os cientistas da Psicologia do Desenvolvimento Humano observam os aspectos das transformações físico-motoras, intelectuais, afectivo-emocionais e sociais desde a concepção do bebê, ao nascimento, até à maturidade na idade adulta, juntamente com as características que permanecem razoavelmente estáveis (Papalia, 2013).

Para a promoção da saúde da criança e adolescência, é indispensável a compreensão das peculiaridades como, também, condições ambientais favoráveis para o crescimento saudável destes. O entendimento dos cuidadores, sejam eles: pais, avos, tios ou responsáveis, sobre as características e necessidades próprias da infância, decorrentes deste processo de aprendizagem, favorece o desenvolvimento integral, pois estes cuidados diários ampliam espaços de promoção à saúde mental (Melo, 2014).

Nesse sentido, os estudos mostram que a segunda fase da infância, de 6 a 11 anos, é uma etapa muito importante para que as crianças comecem a elaborar a própria existência no mundo. É nesta fase que estas começam a pensar com logicidade. Concretamente, porém, as habilidades de memória e linguagem aumentam e passam a ter ganhos cognitivos que auxiliam a criança na instrução formal da escola. Certas crianças demonstram carências educacionais e aptidões particulares no desenvolvimento cognitivo. Já no desenvolvimento psicossocial, na mesma faixa etária, é notada a formação de autoconceito que se torna mais rígido, afetando a autoestima, e essa correlação reflete uma mudança gradativa no controle dos pais para a criança, e os colegas passam a ter uma importância fundamental (Papalia, 2013).

A partir dos 11 anos, aproximadamente, a 20 anos, no desenvolvimento cognitivo, a criança passa à adolescência. Neste mundo novo, o adolescente tende a

evoluir a prática de pensar em termos abstratos e usar o raciocínio científico, contudo o pensamento imaturo persiste em algumas atitudes e comportamentos. A educação na adolescência se reúne na preparação para a faculdade ou para a profissão. No desenvolvimento psicossocial, os adolescentes buscam pela identidade pessoal de quais são seus valores e quais direções que desejam seguir pela vida, incluindo a identidade sexual, esta que se torna o ponto central de atenção do adolescente. Por fim, quanto ao relacionamento com os pais, este relacionamento geralmente é bom e os amigos podem exercer influência positiva ou negativa (Papalia 2013).

Em ambientes saudáveis, todas essas fases são formadas num processo gradual, e as próprias crianças e adolescentes conseguem dar significado às descobertas. Os cuidadores, neste contexto, têm papel primordial em flexibilizar o desenvolvimento afetivo-emocional nessas etapas, de maneira conjunta e recíproca, oferecendo segurança e proteção das jovens vítimas dessa violência doméstica. Da infância até a adolescência, o ambiente familiar é o meio natural e simbólico para se desenvolver as potencialidades que cada fase exige; e as crianças, por sua vez, fazem exigências a este meio para que recebam este cuidado desde quando nascem. Desta forma, é preciso retomar a ideia de que cada uma das experiências vividas pelos menores terá sua parte na escrita dessa história. Bandura sugere que o impulso para o desenvolvimento social de aprendizagem é bidirecional. O autor deu nome a esse conceito de determinismo recíproco – a pessoa age sobre o mundo na medida em que o mundo age sobre a pessoa segundo (Bandura, 1963).

A teoria da Aprendizagem Social Clássica defende que uma pessoa aprende o comportamento social apropriado principalmente observando e imitando modelos; isto é, observando outras pessoas, como os pais, os professores ou os heróis dos esportes. Esse processo é chamado de aprendizagem observacional ou modelamento. A repetição de modelos é o elemento mais importante para a criança aprender uma língua, lidar com a agressão, desenvolver um senso moral e aprender os comportamentos apropriados de gênero (Bandura, 1963).

A família é, e sempre será, o primeiro referencial na vida de uma criança, visto que quando esta chega à escola, já traz consigo uma bagagem de aprendizado e de conceito social que adquiriu neste meio familiar e que são expressos no contexto escolar através dos colegas e professores. Partindo desse contexto, é percebido o

quanto o ambiente familiar saudável é essencial para a vida de um sujeito que participa e assiste a este mundo em que vive, não só no futuro como adultos, mas também imediatamente poderá vir a repetir tudo o que foi aprendido enquanto família e interação social. Logo, um ambiente familiar violento, igualmente, terá a mesma consequência na mesma proporção de vitimização.

As pessoas tendem a desprezar as consequências da violência doméstica infanto juvenil, ao elaborar uma crença errônea de que o impacto nesses indivíduos é temporário e desaparecerá no decorrer do desenvolvimento humano. Os efeitos que o trauma na infância, porém, pode causar nas vítimas devem ser reconhecidos e melhor explorados pela sociedade, apesar de os traumas naquelas não aparecerem de imediato. As manifestações psicológicas em um indivíduo que passa por violência intrafamiliar, são espantosas.

Nos danos imediatos, a criança tem a possibilidade de ter pesadelos repetitivos, ansiedade, raiva, culpa, vergonha, medo do agressor e de pessoas do sexo posto, quadros fóbico ansiosos e depressivos agudos, também poderá surgir queixas psicossomáticas, isolamento social e sentimentos de estigmatização. Quanto aos danos tardios, embora tenha poucos estudos sobre os efeitos psicológicos a longo prazo na população em geral, o aumento ainda é significativo na incidência de transtornos psiquiátricos, dissociação afetiva, pensamentos invasivos, ideação suicida e fobias mais agudas, níveis intensos de ansiedade, medo, depressão, isolamento, raiva, hostilidade e culpa, cognição distorcida, tais como sensação crônica de perigo e confusão psicológica, pensamento ilógico, imagens distorcidas do mundo e dificuldade de perceber a realidade, redução na compreensão de papéis complexos e dificuldade para resolver problemas interpessoais.

Todos esses efeitos são apenas psicológicos, o que evidencia a gravidade do problema (Day, Telles, Zoratto, Azambuja, Machado, Silveira, & Blank, 2003). Torna-se necessário a obrigatoriedade de cuidado psíquico e um olhar minucioso da sociedade nestas duas fases do desenvolvimento humano, de como as medidas protetivas asseguram estes jovens.

A violência doméstica em efeitos negativos ao longo da formação de aprendizagem social entre os estímulos internos: atenção, concentração; estímulos

externos: motivação, comportamento, pensamento. Visto que, agrega valores na vida deste jovem e acaba por romper esse ciclo violento. Outro factor, é o trabalho de desenvolvimento da plasticidade cerebral na infância; pesquisas mostram claramente a necessidade de redefinir a natureza dessa plasticidade nas primeiras fases do desenvolvimento, atentando para as questões da resiliência e do risco. Graças a sua própria resiliência, um terço das crianças de risco, estudadas por Emmy Werner e colaboradores, tornaram-se adultos autoconfiantes e bem-sucedidos (Ferrari, Toyoda, Faleiros, & Cerutti, 2001).

Para Seligman, Steen, Park & Peterson, (2005), referem que:

> "Na infância e na adolescência, os maus tratos podem interferir no desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social, e os efeitos podem continuar na idade adulta. Muitas crianças maltratadas, entretanto, demonstram uma notável resiliência. As intervenções positivas, ou intervenções protetoras, também oferecem uma proposta de trabalho inovadora àquelas que visam promover resiliência, interações de bons tratos, bem-estar subjetivo e coletivo de comunidades em situações de risco pessoal e social; ademais, possibilitam cultivar nestes indivíduos expressões de resiliência. Assim, transcendem as intervenções tradicionais, pois objetivam "aliviar o sofrimento".

No que tange às singularidades conceituais da resiliência, há um consenso de que o fenômeno se refira a um conjunto de processos de vida que possibilite o enfrentamento e a superação de etapas de sofrimento. Para Yunes, resiliência não explica apenas a superação, mas também o consequente desenvolvimento positivo e fortalecimento individual ou coletivo que decorre de múltiplas aprendizagens, inovações e transformações pessoais e contextuais. Portanto, resiliência contrapõe-se à noção de que pessoas ou grupos passam por sofrimentos de forma passiva e inabalável, como sugere os termos precursores: invulnerabilidade ou invencibilidade (Yunes et al., 2018).

A prevenção ou a eliminação de ambientes tóxicos a crianças e adolescentes exige esforços múltiplos e coordenados da comunidade a fim de minimizar a crescente violência no ambiente onde esses menores vivem.

1.15. Interacção família e escola

Vedrine (1971), citado por Montador (1994, p.13), afirma que, no início do século XX, a maioria das famílias não se relacionavam com a escola pública nem tinham meios para expressar ou fazer valer enquanto grupo distinto uma atitude de crítica.

Segundo Carneiro (2001, p.108), sustenta que, os pais estão cada vez mais confrontados com a necessidade de estabelecer um diálogo com a escola dos seus filhos obrigação que tende a desaparecer no dia-a-dia.

Na visão de Comer (1980), citado por Marques (1997), afirma que, todos os pais e encarregados de educação podem e têm condições para participarem na escola.

Segundo Piaget, (2007, p.50), a interacção família/escola é necessária para que ambas conheçam suas realidades e busquem caminhos que permitam facilitar o entrosamento entre si, para o sucesso educacional do filho/aluno.

A família, em consonância com a escola e vice-versa, são peças fundamentais para o pleno desenvolvimento da criança e consequentemente são pilares imprescindíveis no desempenho escolar. Entretanto, para conhecer a família é necessário que a escola abra a suas portas e que garanta sua permanência.

Segundo os autores: Kiura, Gitau e Kiura, (2001, p.65), afirmam que:

> "os pais são os primeiros professores dos filhos. A criança nasce com a capacidade para aprender, e a sua primeira aprendizagem processa-se através da observação e da relação com os pais. O encarregado de educação na família actua como um regulador de certas influências. Portanto a função social do encarregado de educação não é estático, mas cresce cada vez mais na sociedade na medida em que cresce a função social da família na mesma sociedade e que a educação para a vida deve entrar em consonância com o grau de desenvolvimento em que a pessoa se encontra no seu ciclo de vida".

Como podemos perceber, o desempenho das crianças na escola depende, em grande parte, mas não exclusivamente, da participação e colaboração dos pais. Portanto as escolas devem buscar formas de parcerias com as famílias dos seus alunos, para que juntos possam desenvolver uma educação proveitosa e de qualidade.

Para Ribeiro e Lomônaco (2002, p.26), uma das formas mais eficazes de ganhar a confiança dos pais, é abordar assuntos relacionados à vida escolar de seus filhos, escutar e debater propostas que visem esclarecer assuntos conflituosos para ambas as partes.

Portanto, a parceria entre as duas instituições que são responsáveis pela educação e integração das crianças na sociedade, deve ser extremamente colaborativa, para que juntas, possam desenvolver estratégias para uma educação de qualidade.

Segundo, Bertrand (1999, p.29), afirma que:

> "as reflexões avançam hoje, para identificação de características que influenciam as diferentes práticas de cidadania pelo mundo a fora. A estratégia para a construção de uma sociedade democrática não é única. Assim, a escola deve sempre envolver a família dos educandos em actividades escolares. Não para falar dos problemas que envolvem a família actualmente, mas para ouvi-los e tentar engajá-los em algum movimento realizado pela escola como projectos, festas, desfiles escolares, etc".

A parceria entre as duas instituições que são responsáveis pela educação e integração das crianças na sociedade, deve ser extremamente colaborativa, para que juntas, possam desenvolver estratégias para uma educação de qualidade.

1.16. Os menores e a família

Segundo Giddens (2002, p.176), "uma família é um grupo de pessoas unidas directamente por laços de parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças".

Amaro, (2006, p.15) afirma "um dos elementos essenciais da família é o conceito de parentesco o qual pode ser definido como o conjunto das relações que se estabelecem entre dois ou mais indivíduos pelo facto de terem uma ascendência comum, descenderem uns dos outros, ou por motivo de aliança com origem no casamento".

A responsabilidade parental é o motor de arranque para a socialização dos menores. "A socialização é um processo que permite ao indivíduo adquirir o conhecimento e as capacidades, bem como a predisposição interna para as realizar, a

fim de desempenhar os papéis sociais que a sociedade espera dele". Amaro, (2006, p.86).

De acordo com Giddens, (2002, p.44) apud Silva (2001, p.286), afirma que, "as crianças indefesas se tornam gradualmente seres auto-conscientes", a família assume-se como o primeiro e um dos principais agentes socializadores. Ou seja, intervém nas fases da vida mais susceptíveis à influência (infância e adolescência) para além de existirem estudos a comprovar uma continuidade de valores, normas e de comportamentos entre pais e filhos. Silva, (2002, p.350, 351).

Santo Agostinho, realça sobre à criança na sua obra Cidade de Deus, escreveu: "Se a deixássemos fazer o que lhe apetece, não há crimes que não a víssemos cometer".

Ainda, Monteiro, (2010, p.12), reforça a ideia de Dormenach ao referir que "a violência está incorporada na condição humana", Dormenach, (1978, p.762) citado por Dias, (2004, p.87), a família é a célula base da estrutura social onde se supõe que exista afectividade e não agressividade. Se este núcleo for desequilibrado aumentam as possibilidades dos menores manifestarem comportamentos desviantes segundo Rodrigues, (1997, p.558) e de serem colocados em situações de perigo.

As crianças que sofrem maus tratos, ou outras situações de perigo, vivem geralmente em ambientes familiares adversos, independentemente do seu estatuto socioeconómico, que as impedem de alcançar as metas próprias de cada etapa do desenvolvimento e que lhes dificultam, ou impedem, o desenvolvimento de competências físicas, cognitivas e sócio-emocionais, que lhes permitam uma boa integração educativa e social, Montano, (2011, p.96), as mulheres são as que mais sofrem os efeitos da violência doméstica.

Dias, (2004, p.138, 139), afirma que, os menores são um factor determinante para a continuação ou cessação do cíclo de violência parental ou conjugal, já que é em função dos filhos, que as vítimas, geralmente as mulheres, decidem tolerar ou denunciar o agressor consoante aquilo que acharem ser mais vantajoso. A opção de abandonar vai obrigar as crianças e jovens à adaptação a novas realidades, por vezes constrangedoras (a mudança de infantário ou escola por motivos de segurança, o ter

que acompanhar a mãe para casas de abrigo temporário, etc.) com a possibilidade de virem a sofrer com o litígio relativo ao exercício das responsabilidades parentais.

1.17. Consequências da violência doméstica no processo de ensino e aprendizagem

De acordo com Magalhães, (2010, p.8), as principais causas da violência doméstica circunscrevem-se em: Guerras; Pobreza social extrema; Desigualdades sociais; A falta de padrões educacionais concretos; A instabilidade cultural; Falta de diálogo no seio das famílias. Cada tipo de violência gera prejuízos nas esferas do desenvolvimento físico, cognitivo, social, moral, emocional ou afectivo.

As manifestações físicas da violência podem ser agudas, como as inflamações, contusões, hematomas, ou crónicas, deixando sequelas para toda a vida, como as limitações no movimento motor, traumatismos e a instalação de deficiências físicas, etc.

Os sintomas psicológicos frequentemente encontrados em vítimas de violência doméstica são: insónia, pesadelos, falta de concentração, irritabilidade, falta de apetite, e até o aparecimento de sérios problemas mentais como a depressão, ansiedade, síndrome do pânico, stresse pós-traumático, além de comportamentos autodestrutivos, como o uso de álcool e drogas, ou mesmo tentativas de suicídio. Kashani; Allan, (1998, p.87, 88).

A violência, na maioria das vezes, é exógena, porque os alunos trazem para a escola o comportamento vivido em seu meio, um comportamento apreendido culturalmente.

CAPÍTULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo apresenta os tipos de pesquisa, modelo de abordagem, níveis de estruturação de métodos, técnica de recolha de dados, instrumentos de recolha de dados, população e amostra utilizada no trabalho, bem como a realização do diagnóstico do estado actual do processo dos alunos da 6ª classe da instituição alvo.

2.1 Tipo de pesquisa

Na opinião do Aragão e Neta, (2017), diz que, pesquisa "é um procedimento reflexivo, sistemático controlado e criticado que permite descobrir factos ou dados soluções ou leis em que qualquer área do conhecimento". Desta forma, a pesquisa é uma actividade voltada para a solução de problemas do meio dos processos do método científico.

Para Gil (2002, p.42), a pesquisa descritiva tem como objectivo primordial a descrição das características de determinadas populações, fenómenos ou então o estabelecimento de relação entre variáveis. Assim, para clarear a investigação utilizou-se a pesquisa descritiva.

Na visão de Trivinos (1987 p.100) citado por Zanella (2013, pp.24-25), afirma que: Pesquisa descritiva procura conhecer a realidade estudada, suas características e seus problemas. Pretende descrever com exactidão os factos e fenómenos de determinadas realidades.

2.2. Modelo de Abordagem

Para este estudo se optou pelo paradigma de investigação misto ou qualitativa - quantitativa, no sentido de compreender os fenómenos já existentes. Onde se explora um sistema delimitado contemporâneo da vida real. Decorre por meio da colecta dos dados detalhados em profundidade e quantidade; envolvendo múltiplas fontes de informação.

Na mesma linha, Alvarenga (2014), afirmou que, o paradigma qualitativo, procura descrever e compreender as situações e os processos de maneira integral e profunda, considerando os fenómenos sociais da problemática em estudo. É através do contacto direito que o investigador recolhe melhor a informação necessária, auxiliando-se de alguns equipamentos de apoio para conservar os dados no decorrer da investigação.

Na perspectiva do Pineda citado por Alvarenga (2014, p.52), “a investigação qualitativa é de índole interpretativa, e se realiza com grupos pequenos de pessoas, cuja participação é activa durante todo o processo investigativo e tem como meta a transformação da realidade”.

A pesquisa qualitativa é descritiva e a descrição deve ser rigorosa e resultar directamente dos dados recolhidos. Os dados incluem transcrições de entrevistas, registos de observações, documentos escritos, fotografias e gravações de vídeos. “Os investigadores analisam as notas tomadas em trabalho de campo, os dados recolhidos, respeitando, tanto quanto possível, a forma segunda a qual foram registadas ou transcritas”, (João, 2020, p.51).

Nessa perspectiva o paradigma qualitativo é um conjunto de procedimentos que levam o investigador a observar o campo de acção por forma, a aprofundar minuciosamente os aspectos em estudo.

Segundo Sousa e Baptista (2014, p.56), a investigação qualitativa centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou os valores. Não existe uma preocupação com a dimensão da amostra nem com a generalização de resultados, e não se coloca o problema da validade e da fiabilidade dos instrumentos.

A pesquisa quantitativa corresponde a um estudo baseado na produção de dados quantificáveis de modo objetivo. (Alvarenga 2014).

A abordagem quantitativa “é aquela em que os dados são quantificáveis, traduzindo em números opiniões e informações para classifica-as e analisa-las, requer o uso de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio padrão, coeficiente, análise padrão”. (Zassala, 2015).

2.3. Níveis de estruturação de métodos

Na percepção Zassala, (2015), define métodos como sendo, o conjunto de abordagens técnicas e processos para formular e resolver problemas na aquisição objectiva do conhecimento.

Para Marconi e Lakatos (2003, p. 5), método é o conjunto de actividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objectivo, que é o conhecimento válido e verdadeiro traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Na visão de Amândio, e Lemus, (2018), por método também pode-se entender como o princípio unificador da teoria e da prática, adquirindo o carácter científico quando reflecte as leis objectivas, as particularidades do objecto de investigação, as leis do seu desenvolvimento e a essência do objecto sendo visto como as fases ou passos da investigação.

Método científico é o processo de aquisição de conhecimentos definidos pela utilização de recolhas de dados, de classificação, análise e interpretação dos resultados.

Reflectindo nos objectivos formulados para a realização da presente investigação, entendeu-se por conveniente combinar os seguintes métodos abaixo mencionados:

a) **Nível teórico**

Histórico-lógico: Permitiu a compreensão das regularidades do objecto de estudo através da sua evolução histórica, determinando assim, as tendências de mudança, perspectivando deste modo as acções do presente para um futuro cada vez mais melhor.

Pesquisa bibliográfica: Foi considerado como suporte para as etapas da investigação, ajudando na identificação do problema científico, definição dos objectivos e na elaboração do marco teórico.

Indutivo-dedutivo: Os procedimentos de indução-dedução foram utilizados durante a pesquisa na tendência de formulação das conclusões gerais partindo das particularidades do objecto de estudo. E de forma inversa, também foram

desenvolvidas análises de todo objecto de estudo, permitindo chegar-se às conclusões particulares.

Analítico-Sintético: Permitiu a realização das diferentes análises ao longo de todo processo desde a identificação do Problema Científico até às conclusões, com maior destaque ao conjunto de documentos que regulam o processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

b) Nível empírico

Os métodos empíricos possibilitam ao investigador colher os dados necessários para verificar as hipóteses" (Collera, 2017, p. 45). O uso destes métodos permitiu a comprovação prática do problema de estudo, dentro destes métodos temos a observação e questionário.

c) Nível estatístico

Os métodos estatísticos servem para o tratamento numérico da informação recolhida, podendo incidir na conclusão sobre o estudo. Foi utilizada no trabalho a estatística descritiva, através da qual os dados são apresentados e analisados do ponto de vista percentual

2.4. Técnica de recolha de dados

Questionário

Com este instrumento foi possível colher informações sobre o fenómeno em estudo aos alunos da 6ª classe.

O método de investigação segundo o qual os dados são obtidos junto de uma amostra representativa, a partir de questionários estruturados preenchidos no momento de uma entrevista, pela própria pessoa. (Alvarenga, 2014).

A entrevista

Esta técnica favoreceu na busca de informações para saber o que os membros de Direcção da escola e professores pensam sobre o assunto em estudo. O método estatístico serviu para execução de tabelas e gráfico e suas descrições, quantificação da amostra e suas percentagens, que constituiu a população do problema de estudo.

Para Zassala, (2015), a entrevista distingue-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana, permitindo ao investigador a obtenção de informações que permitem reflexão muito ricas e variadas.

Os métodos de entrevista caracterizam-se por um contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores. Significa dizer que a entrevista é uma técnica que permite um contacto directo com as pessoas envolvidas no estudo.

Para Sousa e Baptista (2014, p.80), a entrevista é uma técnica em que o investigador dirige perguntas com o objectivo de obter dados que lhe interessam da investigação, sendo possível identificar vários tipos de entrevistas, porém, para a presente pesquisa foi utilizada a entrevista semiestruturada.

2.5. Instrumentos de recolha de dados

Para a realização da pesquisa em referência elaborou-se, o guião de questionário.

2.6. População e amostra

2.6.1. População

População é o conjunto ou a totalidade de pessoas, objectos e coisas cujas características comuns coincidem, ou o conjunto de todos os sujeitos ou elementos de um grupo bem definido tendo em comum uma ou várias características semelhantes e sobre o qual assenta a investigação. (Gil, 2002).

No estudo, considera-se uma população total de (55) elementos considerados em duas categorias, nomeadamente: a categoria de professores com a população de (24) e a categoria de alunos com (169). Apresenta-se a baixo o quadro síntese da população em estudo.

2.6.2. Amostra

No trabalho, atendendo aos critérios de amostragens existentes, utilizou-se o tipo de amostragem aleatória simples. Como refere (Gil, 2002, p. 121) “a amostragem aleatória simples, também conhecida casual, randômica, acidental, etc. consiste basicamente em atribuir a cada elemento do universo um número único para depois selecionar esse número de forma casual”.

Este tipo de amostra consiste em permitir maior possibilidade de participação na pesquisa a todo o universo populacional a se considerar no estudo. Aqui, os participantes da amostra não são selecionados por conveniência do pesquisador. Assim, tomou-se amostragem de: Doze (12) professores e oitenta e quatro (84) alunos, perfazendo o total de (36) elementos.

2.6.3. Quadro síntese da população e amostra

Nº	Categorias	População	Amostra	
			Quantidade	Perc. %
01	Professores	24	12	50%
02	Alunos	169	84	50%
06	**Total**	**193**	**96**	**100%**

Fonte: Elaboração própria

Realçar que os professores e alunos considerados na amostra, frequentam a instituição escolar no período matinal e são alunos da 6ª classe.

2.7. Caracterização da Escola Primária nº386, Dande.

A Escola Primária nº386, localiza-se no Complexo residencial do Panguila sector 1, rua C, 2º quarteirão lado esquerdo, no Município do Dande, Província do Bengo, foi criada a luz do Decreto Executivo nº 453/2021 de 20 de Julho, ao abrigo do disposto no artigo 119º da lei nº17/16 de 7 de Outubro, Decreto Presidencial nº222/20 de 28 de Agost que aprova o Estatuto Orgânico do Ministério da Educação.

A Escola é de construção definitiva, possui doze (12) salas de aulas seis (6) Janelas cada uma (1), uma (1) porta por cada sala de aulas, WC são quatro (4) sendo dois (2) para cada bloco, dois (2) WC do sexo masculino e dois (2) do sexo feminino, quadra desportiva, guarita e cantina.

A Escola possui uma força de trabalho composta por quarenta (43) funcionários, sendo dos quais: MF=43, F=8, dois (2) membros da Direcção, duas (2) auxiliares de limpeza.

2.7.1. Recursos humanos

Para a terça de trabalho a Escola conta com 43 funcionários sendo um (1) Director, uma (1) Subdirectora pedagógica, 4 técnicos de secretaria, 27 professores em frente aos alunos, 2 auxiliares da limpeza, 3 professores em licença de parto, 1 professor doente aguardando a reforma, 2 professores em tratamento na República de Portugal.

Para o presente ano lectivo, foram matriculados 1112 alunos, sendo 75 na iniciação, 577 no ensino primário, 365 no Programa de Recuperação das Aprendizagens (PRAER) e 95 no Ensino de Adultos (EJA).

2.8. Dificuldades encontradas

Na elaboração da monografia encontramos as seguintes dificuldades:

- ✓ Difícil recepção do questionário por parte dos membros da Direcção da escola;
- ✓ Dificuldades financeiras;
- ✓ Dificuldades de meios informáticos;
- ✓ Difícil acesso as bibliografias;
- ✓ Pouca experiência na elaboração do TFC.

CAPÍTULO III. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Neste capítulo apresentou-se um conjunto de dados recolhido no campo de pesquisa, mediante o questionário dirigido aos professores e alunos.

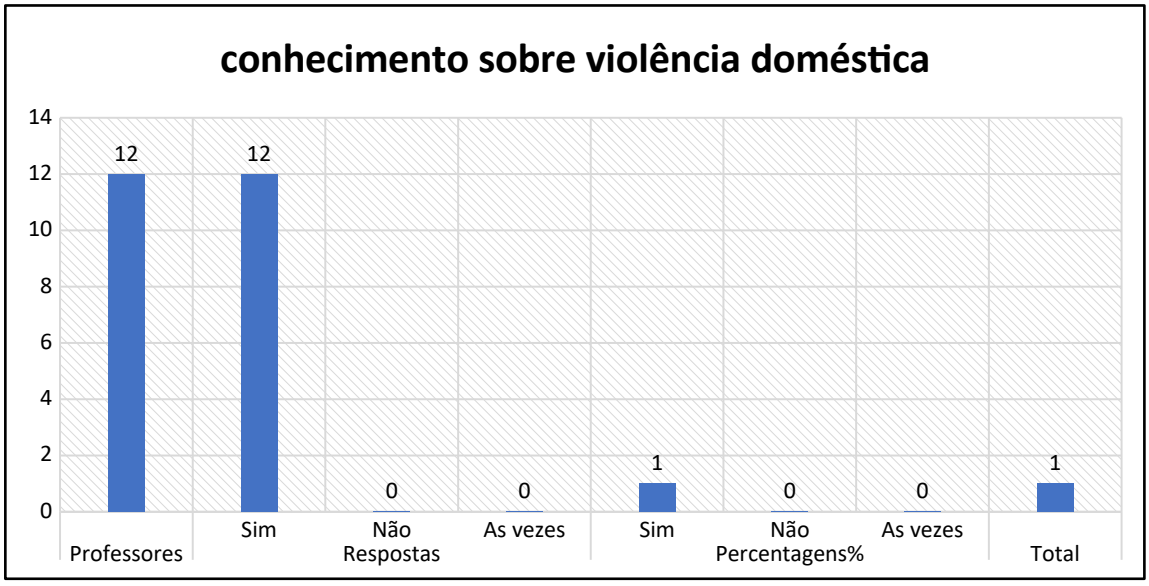
3.1. Apresentação dos resultados obtidos com o questionário dirigida aos professores.

3.1.1. Já ouviu falar sobre violência doméstica?

Quadro nº 1

Professores	Respostas			Percentagens%			Total
	Sim	Não	As vezes	Sim	Não	As vezes	
12	12	0	0	100%	0%	0%	100%

Gráfico nº 1



Fonte: Experiência própria

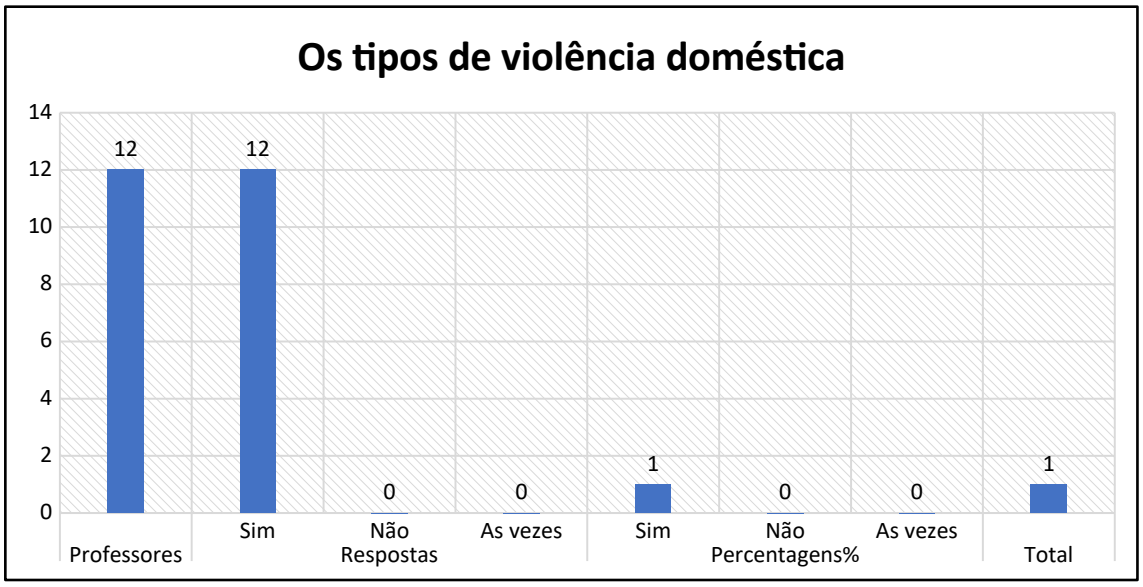
Na primeira questão, dos 12 professores inqueridos, todos foram unanimes na sua resposta sim, que já ouviram falar da violência doméstica “é aquela agressão sofrida em casa”. Ao analisar as respostas obtidas sobre a questão do conhecimento do professor a respeito da violência doméstica, podemos dizer que 100% dos professores dominam o conceito da violência doméstica.

3.1.2. Existem vários tipos de violência doméstica? Quais são?

Quadro nº 2

Professores	Respostas			Percentagens%			Total
	Sim	Não	As vezes	Sim	Não	As vezes	
12	12	0	0	100%	0%	0%	100%

Gráfico nº 2



Fonte: Experiência própria

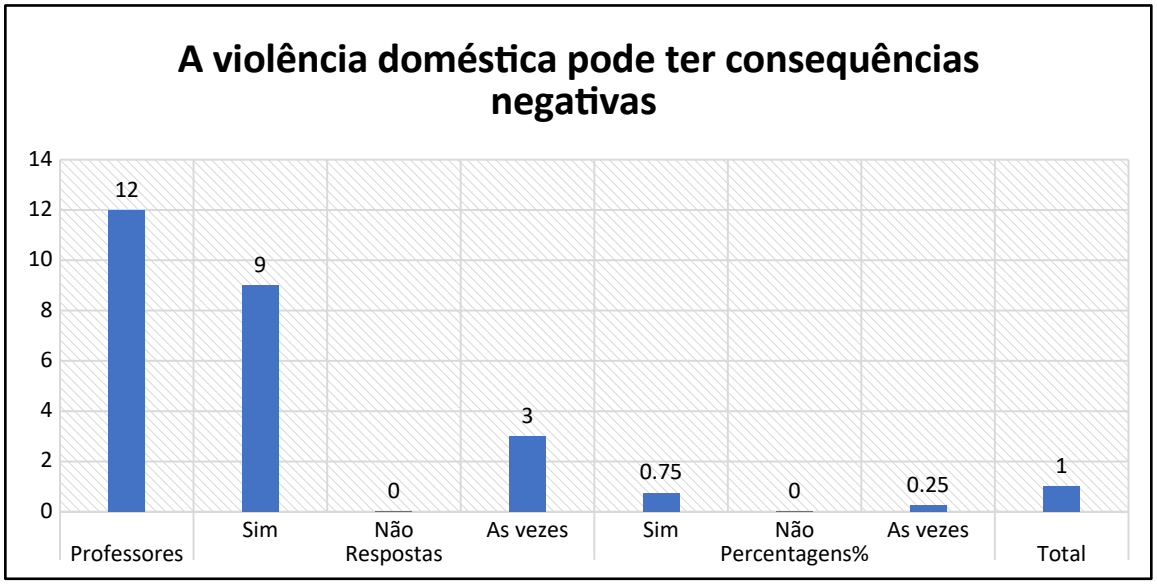
Na opinião dos inqueridos, observa-se que, os 12 professores respondem sim, que conhecem os tipos de violências domésticas, que são: violência física, violência sexual, verbal e psicológica, o que graficamente representa 100%. Esse facto nos faz reflectir sobre os tipos de violência: A violência contra crianças é praticada de várias maneiras, que é: a violência física, psicológica, sexual e verbal. Classifica-se violência sexual em abuso sexual e exploração sexual comercial; o abuso sexual em intra e extra-familiar; a exploração sexual em prostituição, pornografia, turismo sexual e tráfico de pessoas para fins sexuais.

3.1.3. A violência doméstica pode ter consequências negativas no processo de ensino-aprendizagem?

Quadro nº 3

Professores	Respostas			Percentagens%			Total
12	Sim	Não	As vezes	Sim	Não	As vezes	100%
	9	0	3	75%	0%	25%	

Gráfico nº 3



Fonte: Experiência própria

Mediante a interpretação do quadro nº3 consegue-se perceber que a violência doméstica pode ter consequências negativas atendendo à ligação que há entre a família e a escola no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da 6ªClasse, pois constatou-se que, 9 professores respondem sim, totalmente de 75% e três (3) professores responderam as vezes, representando 25%. Atendendo os dados aferidos, em que somando os inquiridos que responderam sim e as vezes, perfazem um total de 100%, fica comprovada a terceira (H3) hipótese.

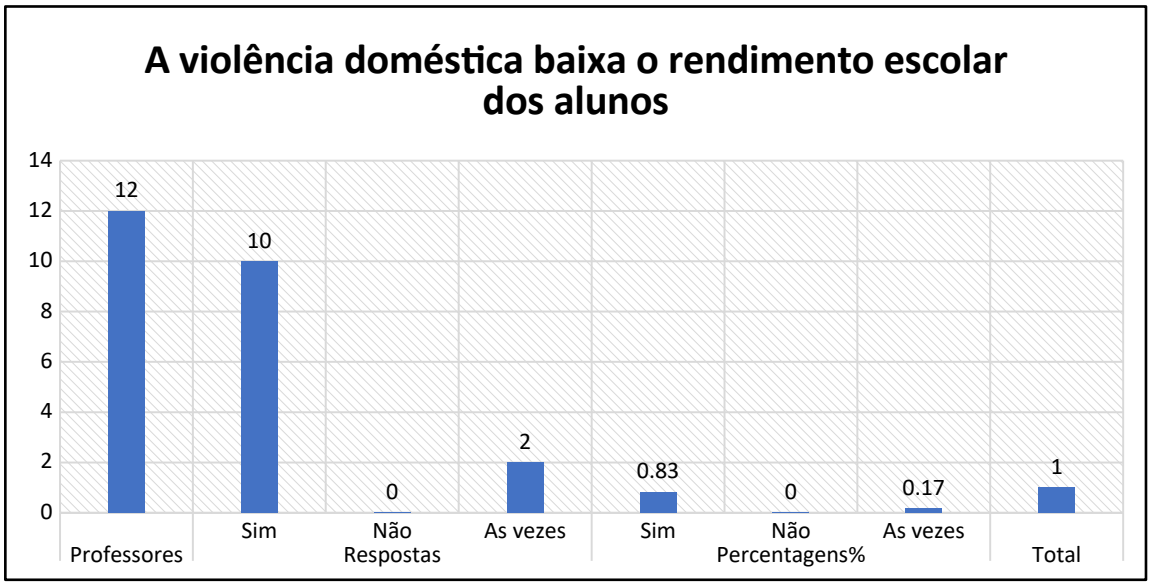
A violência doméstica em efeitos negativos ao longo da formação de aprendizagem social entre os estímulos internos: atenção, concentração; estímulos externos: motivação, comportamento, pensamento. Visto que, agrega valores na vida desta criança e acaba por romper esse ciclo violento. (Ferrari, Toyoda, Faleiros, & Cerutti, 2001).

3.1.4. A violência doméstica baixa o rendimento escolar dos alunos no processo de ensino e aprendizagem?

Quadro nº 4

Professores	Respostas			Percentagens%			Total
	Sim	Não	As vezes	Sim	Não	As vezes	
12	10	0	2	83%	0%	17%	100%

Gráfico nº 4



Fonte: Experiência própria

Na óptica dos 12 professores questionados sobre a violência doméstica baixa o rendimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, 10 dos professores responderam sim, o que perfaz 83% e 2 professores disseram as vezes, perfazendo 17%. Constatou-se que os inquiridos, concordam que a violência baixa o rendimento académico por afectar a estrutura física e psicológica, perfazendo o total de 100%. Assim, com estas afirmações confirmou-se a primeira (H1) hipótese.

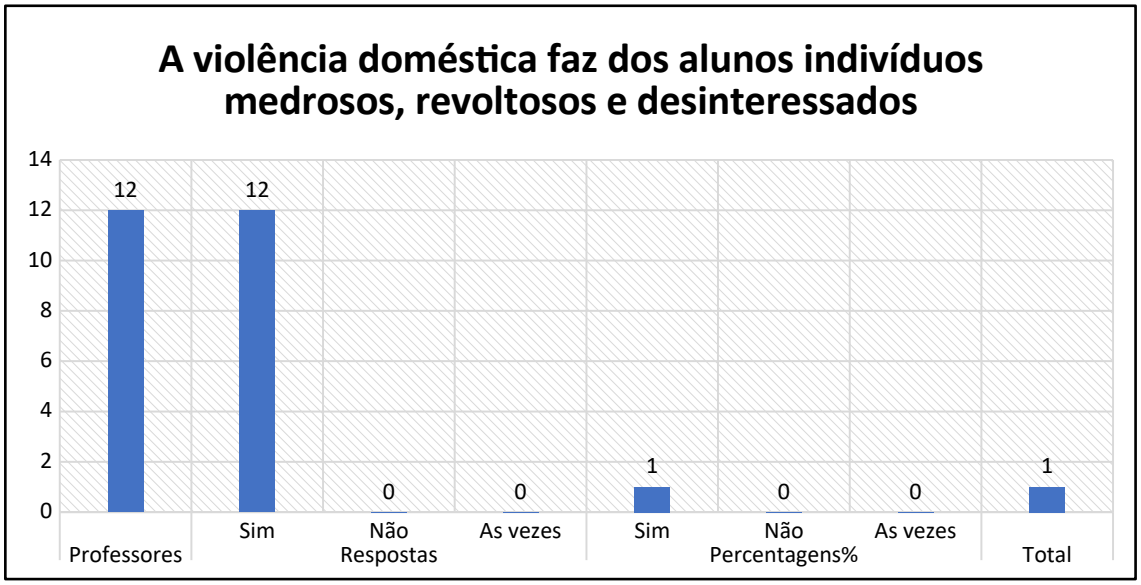
3.1.5. A violência doméstica no processo de ensino-aprendizagem faz dos alunos medrosos, revoltosos e desinteressados.

Quadro nº 5

Professores	Respostas	Percentagens%	Total

12	Sim	Não	As vezes	Sim	Não	As vezes	**100%**
	12	0	0	100%	0%	0%	

Gráfico nº 5



Fonte: Experiência própria

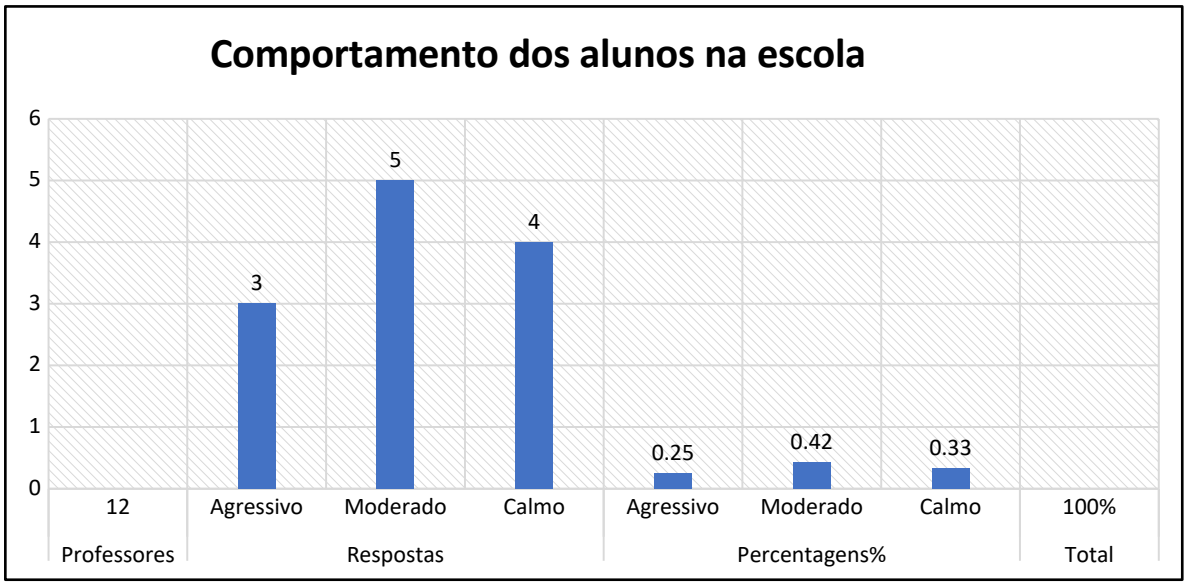
Nesta quinta questão, os 12 professores inqueridos afirmam sim, que a violência doméstica no processo de ensino-aprendizagem faz dos alunos medrosos, revoltosos e desinteressados, o que perfaz um total de 100%, fica assim comprovada a segunda (H2).

3.1.6. Como caracteriza o comportamento dos alunos na escola?

Quadro nº 6

Professores	Respostas			Percentagens%			Total
12	Agressivo	Moderado	Calmo	Agressivo	Moderado	Calmo	100%
	3	5	4	25%	42%	33%	

Gráfico nº 6



Fonte: Experiência própria

De acordo com a análise feita dos 12 professores questionados, dos quais, 3 professores responderam que o comportamento dos alunos é agressivo, o que perfaz 25%, 5 responderam comportamento moderado, o que representa 42% e 4 responderam os alunos possuem um comportamento calmo, perfazendo 33%. Desse resultado levanta-se a preocupação de se trabalhar mais na humanização das famílias e da escola para que se construa um ambiente social harmonioso.

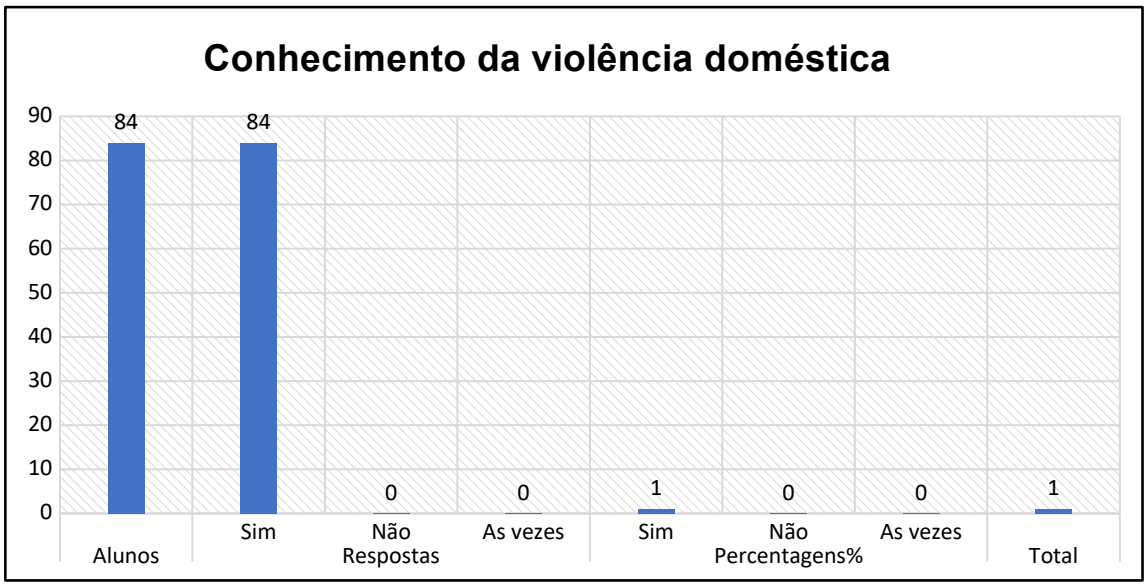
3.2. Apresentação dos resultados obtidos com o questionário dirigida aos alunos.

3.2.1. Já ouviram falar da violência doméstica.

Quadro nº 1

Alunos	Respostas			Percentagens%			Total
	Sim	Não	As vezes	Sim	Não	As vezes	
84	84	0	0	100%	0%	0%	**100%**

Gráfico nº 1



Fonte: Experiência própria

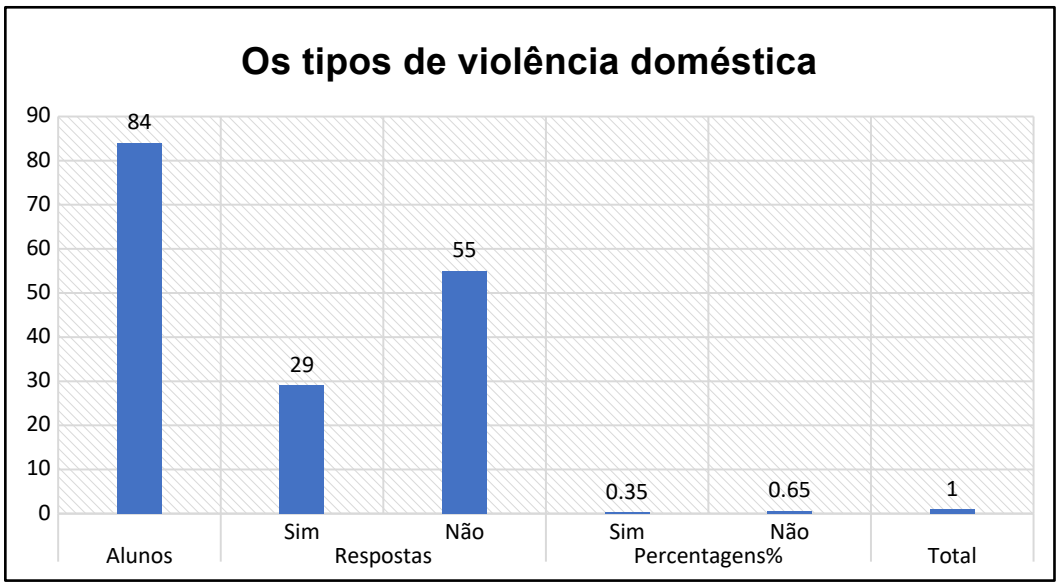
Nesta primeira questão, os 84 alunos inqueridos responderam sim, afirmam que a violência doméstica é aquela que acontece em casa ou seja, respondem que a violência doméstica é quando os nossos pais, mãe, irmão e até mesmo o professores nos batem, na família, o que representa graficamente 100%. Diante desta análise percebeu-se os alunos conhecem a resposta da violência doméstica.

3.2.2. Conhece os tipos de violência doméstica?

Quadro nº 2

Alunos	Respostas		Percentagens%		Total
	Sim	Não	Sim	Não	
84	29	55	35%	65%	**100%**

Gráfico nº 2



Fonte: Experiência própria

Nesta segunda questão, dos 84 alunos questionados, 29 alunos responderam sim, nota-se para estes alunos a violência doméstica está ligada apenas a violências que se pode perceber fisicamente e verbalmente, representando 35% e 55 alunos desconhecendo os tipos de violência doméstica, indicando 65%.

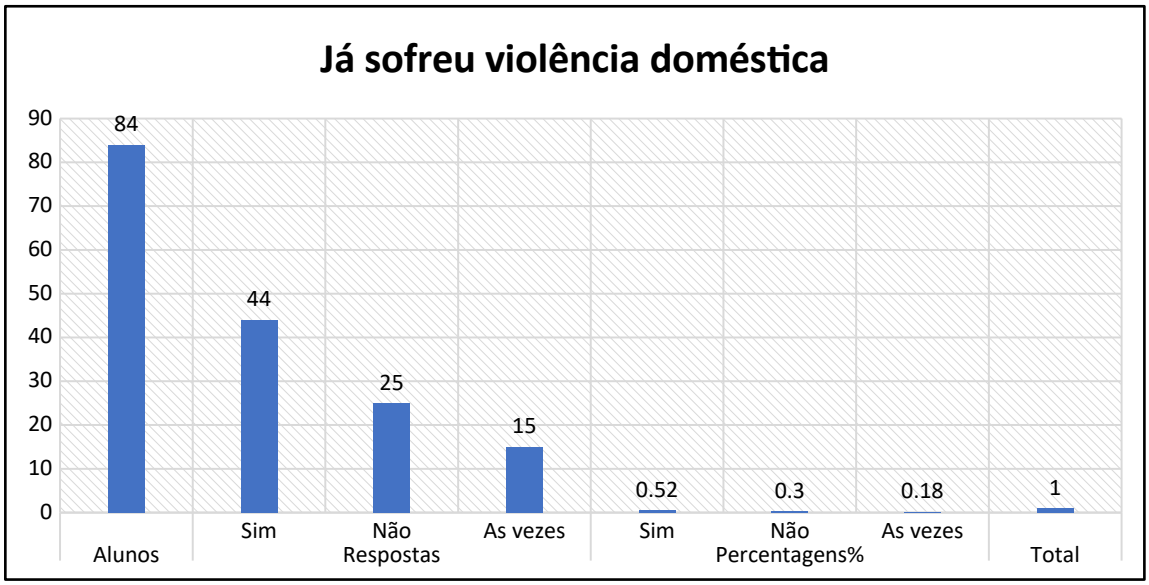
A família é a célula base da estrutura social onde se supõe que exista afectividade e não agressividade. Se este núcleo for desequilibrado aumentam as possibilidades dos menores manifestarem comportamentos desviantes segundo (Rodrigues, 1997).

3.2.3. Já sofreu violência doméstica?

Tabela nº 3

Alunos	Respostas			Percentagens%			Total
	Sim	Não	As vezes	Sim	Não	As vezes	
84	44	25	15	52%	30%	18%	**100%**

Gráfico nº 3



Fonte: Experiência própria

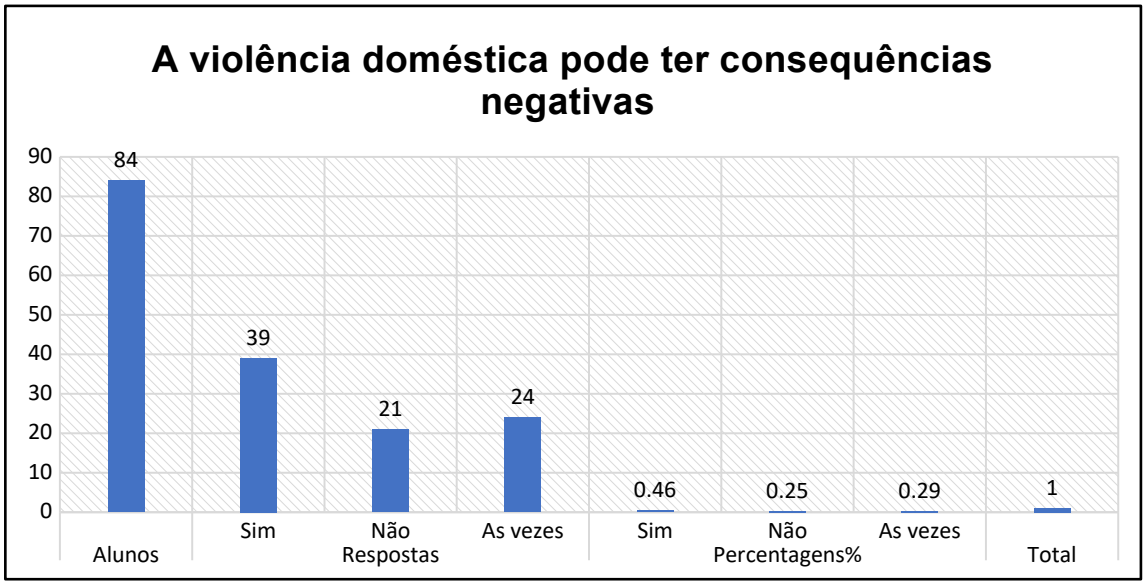
Mediante a opinião dos 84 alunos, 44 disseram que sim, afirmam que já sofreram violência doméstica, representando 52%, 25 alunos responderam que não, perfazendo 30% e 15 alunos disseram as vezes tem sofrido a violência doméstica, que corresponde 18%. De acordo com as respostas afirma-se que os alunos já sofreram a violência doméstica, perfazendo o total de 100%.

3.1.3.4. A violência doméstica pode ter consequências negativas no processo de ensino-aprendizagem?

Quadro nº 4

Alunos	Respostas			Percentagens%			Total
	Sim	Não	As vezes	Sim	Não	As vezes	
84	39	21	24	46%	25%	29%	100%

Gráfico nº 4



Fonte: Experiência própria

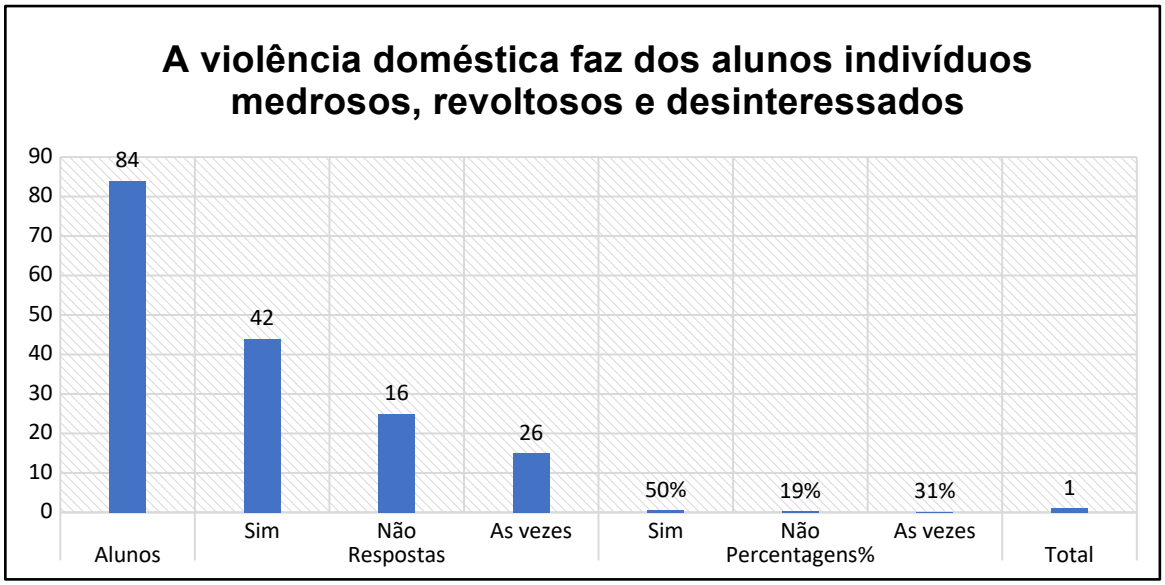
Na opinião dos 84 questionados, 39 alunos responderam foram sim", o que demonstra que os alunos têm consciência dos acontecimentos que lhes afectam causadas pelos actos de violência doméstica e foram mencionadas as seguintes: o medo, vergonha, timidez, raiva e desistência as aulas, perfazendo 46%, 21 alunos disseram não, que a violência doméstica traz consequências negativas no processo de ensino-aprendizagem, porque muitos destes alunos já foram batidos pelos seus pais e estudaram a vontade naquele dia, correspondendo 25% e 24 disseram as vezes, perfazendo 29%.

3.2.5. A violência doméstica no processo de ensino-aprendizagem faz dos alunos indivíduos medrosos, revoltosos e desinteressados?

Quadro nº 5

Alunos	Respostas			Percentagens%			Total
	Sim	Não	As vezes	Sim	Não	As vezes	
84	42	16	26	50%	19%	31%	100%

Gráfico nº 5



Fonte: Experiência própria

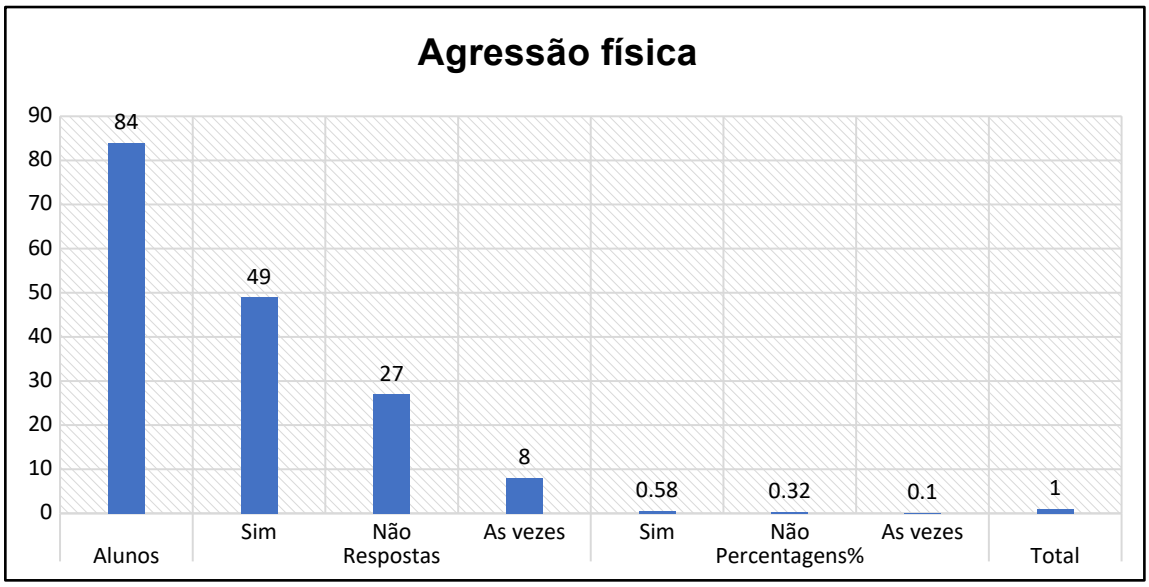
Nesta quinta pergunta, dos 84 alunos questionados, 42 alunos responderam sim, afirmam que a violência doméstica definida anteriormente pelos alunos como: aquela que é praticada na família e pelos pais, irmão, etc... traduz na criança: angústia, raiva, vergonha, ódio e medo, perfazendo 50% 16 alunos questionados disseram que, a violência doméstica não faz dos alunos pessoas medrosas, correspondendo 19% e 26 alunos disseram as vezes, o que corresponde a 31%.

3.1.3.6. Os teus pais têm partido pela agressão física?

Quadro nº 6

Alunos	Respostas			Percentagens%			Total
	Sim	Não	As vezes	Sim	Não	As vezes	
84	49	27	8	58%	32%	10%	100%

Gráfico nº 6



Fonte: Experiência própria

Na opinião dos 84 alunos questionados, 49 alunos disseram sim, o que perfaz 58%, 27 disseram que não, o que representa 32% e 8 responderam as vezes, o que representa 10%.

CONCLUSÕES

De acordo com análise feita, concluiu-se o seguinte:

Identificou-se na opinião dos inqueridos, os tipos de violências domésticas, que são: violência física, violência sexual, verbal e psicológica.

Descreveu-se que, na óptica dos 12 professores questionados sobre a violência doméstica baixa o rendimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, 10 dos professores responderam sim, o que perfaz 83% e 2 professores disseram as vezes, perfazendo 17%. Constatou-se que os inquiridos, concordam que a violência baixa o rendimento académico por afectar a estrutura física e psicológica, perfazendo o total de 100%. Assim, com estas afirmações confirmou-se a primeira (H1) hipótese.

Concluiu-se que, a violência doméstica pode ter consequências negativas atendendo à ligação que há entre a família e a escola no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da 6ª Classe, pois constatou-se que, 9 professores respondem sim, totalmente de 75% e três (3) professores responderam as vezes, representando 25%. Atendendo os dados aferidos, em que somando os inquiridos que responderam sim e as vezes, perfazem um total de 100%, fica comprovada a terceira (H3) hipótese. Assim, consegue-se dizer que, os nossos objectivos e hipóteses foram confirmados.

SUGESTÕES

Segundo análise feita das respostas sobre a violência doméstica, sugeriu-se:

A Direcção da escola

Que a Direcção da escola organize seminários, debates, reuniões e palestras para abordar das consequências das violências domésticas no processo de ensino-aprendizagem;

Que haja interacção entre a escola e a família;

Aos professores

Que os professores possam ter uma formação específica capaz de sensibilizar e reduzir o fenómeno no seio familiar.

Que adotem a política de formação dos professores deve ser guiada a partir dos resultados de pesquisas confiáveis sobre o tema violência doméstica;

Os pais de alunos devem estar envolvidos nos projetos realizados pela escola, pois as intervenções realizadas em sala de aula não são suficientes para apresentarem resultados positivos, devem também levar em conta o ambiente em que vivem os alunos;

Deve ser estabelecida uma parceria com a comunidade na qual a escola faz parte e dos serviços oferecidos por ela;

Que haja mais palestras com os encarregados de educação a relação com a escola, bem como, estabelecer uma nova forma de socialização intrafamiliar na qual predomina as práticas violentas.

Aos pais e encarregados de educação

Que os pais e encarregados de educação adquiram e leiam a Lei n.º 25/11 de 14 de Julho. Lei contra a violência doméstica;

Que se combate a violência doméstica no seio da família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abramovay, M; RUA, M. das G. (2003). *Violências nas escolas*. Brasilia, Brasil.

Abrantes, Pedro (2003), *Os sentidos da escola: identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade.* Oeiras, Celta Editora.

Aguiar, L. G. F.; Barrera,(2017). *Manifestações de bullying em diferentes contextos Escolares: um estudo exploratório*. Psic. cienc, prof. vol.37 nº. 3, Brasília JUly/Sept.

Almeida, Ana Nunes de (2003), *"Família, conjugalidade e procriação: valores e papéis", in VAIA, Jorge et al., Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa.* Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, p. 47-93.

Almeida, Miguel Vale de (2000). *Senhores de si, Lisboa, Fim de Século*. Portugal.

Althusser, L. (1981). *"Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado", in Maria Filomena Mónica, Escola e classes sociais (Antologia).* Lisboa, Presença, p. 43-48.

Alvarenga, E. M. (2014). *Metodologia de investigação qualitativa e quantitativa: normas técnicas de apresentação de trabalhos científicos.* (C. Amarilha, Trad.) Assunçaõ: A4 Diseños.

Amado, J. da S, (2001). *Interacção pedagógica e indisciplina na aula.* Porto, Edições Asa.

Amâncio, Lígia (1994). *Masculino e feminino.* Porto, Edições Afrontamento.

Amandio Mario, J. P., & Lemus, L. M. (2018). *Metodologia de investigação educativa.* Bié: Yossu editora.

Aragão, J. W., & Neta, M. A. (2017). *Metodologia Científica .* Salvador: UAB- UFB.

Azevedo, M. A. (2016). *Consequências psicológicas da vitimização de crianças e adolescentes*. São Paulo: Ática.

Azevedo, M. A. Guerra, (2005). *Viviane Nogueira de Azevedo. Infância eviolência doméstica: fronteiras do conhecimento.* São Paulo: Cortez.

Azevedo, M. A., Guerra, (1989). *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu.

Barroso, J. (2003), *"Factores organizacionais da exclusão escolar – a inclusão exclusiva", in David Rodrigues (Org.), Perspectivas sobre a inclusão*, Porto, Porto Editora, p. 26-36.

Barroso, J. (2003). *"Ordem disciplinar e organização pedagógica", in José Alberto Correia; Manuel Matos, Violência e violências da e na escola.* Porto, Edições Afrontamento, p. 63-71.

Bee. H. (2006). *A criança em desenvolvimento*. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Benavente, Ana et al. (1992*), Do outro lado da escola*, 3ª ed., Lisboa, Teorema.

Bernstein, Basil (1975), *Langage et classes sociales*, Paris, Les Éditions de

Bourdieu, Pierre (1998), *La domination masculine*, Paris, Éditions du Seuil.

Bourdieu, Pierre (2003), *Questões de Sociologia*, Lisboa, Fim de Século.

Bourdieu, Pierre; Passeron, Jean-Claude (1974*), A reprodução – elementos para uma teoria do sistema de ensino*, Lisboa, Editorial Vega.

Carneiro, M. D. (2002). *O envolvimento dos pais na escola gera efeitos positivos nos pais, professores, nas escolas e na sociedade*. Porto editora.

Castel, Robert (2003), *A insegurança social. O que é ser protegido?* Petrópolis, Editora Vozes.

Collera, L. A. (2017). *Metodologia de investigação educativa.* Luanda: ECO7-Investimentos, Limitada.

Comer, V. H. (1980) e Marques S. (1997). *Administração Escolar e Qualidade do Ensino: O que os Pais ou Responsáveis têm a ver com isso?* Rio de Janeiro, DP

Cordeiro, K. C. C. Gomes, (2019). *Estratégias de educadoras no âmbito da escola para a prevenção e enfrentamento da vivência de violência doméstica pelos adolescentes*. Ministério da Educação

Correia, J. A.; Matos, M. (2001), *"Da crise da escola ao escolocentrismo", in Stephen R. Stoer et al. (Orgs.), Transnacionalização da educação. Da crise da educação à "educação" da crise,* Porto, Edições Afrontamento.

Delamont, Sara (1985), *Os papéis sexuais e a escola*, Lisboa, Livros Horizonte.

Dias, Isabel (2004), *Violência na família. Uma abordagem sociológica*, Porto, Edições Afrontamento.

Dobash, Emerson R. et al. (2000), *Changing violent men,* London, Sage Publications.

Durkheim, Émile (2001*), Sociologia, Educação e Moral*, 2.ª ed., Porto, Rés Editora.

Duru-bellat, Marie (2004), *L'école des filles,* 2.ª ed., Paris, L'Harmattan.

Esteves, A. J. (2003), *"A investigação-acção", in Augusto Santos Silva; José Madureira Pinto, Metodologia das Ciências Sociais*, 12.ª ed, Porto, Edições Afrontamento

Estrela, Maria Teresa (1986), *Une étude sur l'indiscipline en classe,* Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.

Fernandes, António Teixeira (2005), *"Trajectos de aquisição do poder no feminino*". Sociologia, vol. XV.

FiscHer, Gustave-Nicolas (1992), *A dinâmica social. Violência, Poder, Mudança*, Lisboa, Planeta Editora.

Floro, Michel (1996), *Questions de violence à l'école, Ramonville Saint-Agne*, Editions Erès.

Fonseca, Laura et al. (2003*), "Silêncios e invisibilidades femininas da e na escola", in José Alberto Correia; Manuel Matos, Violência e violências da e na Escola*, Porto, Edições Afrontamento.

Fonseca, Laura Pereira da (2001), *Culturas juvenis, percursos femininos,* Oeiras, Celta Editora.

Foucault, Michel (2002), *Vigiar e Punir, Petrópolis*, Editora Vozes.

Galvão, I. H. Wallon, (1995). *Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis, RJ. 12.ed. São Paulo: Ática.

Giddens, Anthony (1997), *Para além da esquerda e da direita, Oeiras*, Celta Editora.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projectos de pesquisa.* 4 edição. São Paulo: Atlas

Goffman, Erving (1993), A apresentação do eu na vida quotidiana de todos os dias, Lisboa, Relógio d'Água.

Guerra, Paula (2002), "*O Bairro do Cerco do Porto: cenário de pertenças, de afectividades e de simbologias*". Sociologia, vol. XII, 65-144.

Guimarães, (2005). *Violência e Género – Inquérito Nacional sobre a Violência exercida contra Mulheres e Homens, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género,* Lisboa.

HAtty, Suzanne E. (2000), *Masculinities, violence and culture,* London: Sage Publications.

Hénnion, Cécile (2007), "*A excisão no Curdistão – um segredo de família e de guerra", in Christine Ockrent (Org.), O livro negro da condição das mulheres*, Lisboa, Temas e Debates.

Hirigoyen, M. F. (2011). *Assédio moral: a violência perversa no cotidiano.* 13ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

João, A. (2020). *Metodologia de investigação científica.* 1 edição. Salvador: Mestria edições.

Kashani e Allan (1998). *A violência doméstica, contra mulher e crianças.* 1ª edição Petrópolis: Vozes.

Kiura, M. J.; Gitau, R.; Kiura, A. (2001). *A vida e o amor*. 3ª Edição. São Paulo: Atlas.

Lakatos, E. M. Marconi, (2013). *Metodologia de Investigação científica*. 5ª. ed. São Paulo: Atlas,

Lei n.º 25/11 de 14 de Julho. *Lei contra a violência doméstica.* Assembleia Nacional, Angola.

Lyra, G. P. Ferreira, (2020). *Quando a violência familiar chega até a escola. In: ASSIS, SG., Constantino, P. Avanci, (2020). Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação.

Magalhães, S. (2010). *Violências nas Escolas*. Brasília, Brasil.
Marconi, M. d., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª edição. São Paulo: Átlas S.A.

Montano, C. (2011). *As práticas educativas parentais e a experiência das crianças*. Educação Social, Campinas, v.26, n.91, Maio / Agosto.
Monteiro, L., (2010). *Notas sobre aprendizagem*, FEUSP, São Paulo.
OMS. (2001). *Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço*. Rio de Janeiro: Ática.
OMS. (2007). *Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes.* Norma técnica. Brasília:
OMS. (2009). *Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde.* Viva: vigilância de violências e acidentes
OMS. (2010) *Relatório do disque circulação restrita*. São Paulo: Cortez.
Piajet, J., (2007). *Revista mundo jovem*. *Toda pessoa tem direito a educação*.

Silva, S, E. Da (2002). *Notas sobre aprendizagem*, FEUSP, São Paulo.

Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2015). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios.* 5ª edição. Liboa: FCA.

Trivelato, Silva L. F.; Oliveira, O. B. (2006). *Práticas docente: o que pensam os professores de ciências biológicas em formação*. Artigo apresentado no XIII ENDIPE. Rio de Janeiro.

Vedrine, M. (1971). *Sucesso escolar. Aula Prática*, 2ª edição, Plátano edições técnicas, Lisboa - Portugal.

Zassala,C. (2015). *Iniciação a pesquisa cientica*. 3ª edição), Lunda.Mayamba.

APÊNDICES

INSTITUTO SUPERIOR DE ANGOLA

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

Prezado (a) professor (a), estou realizando essa pesquisa com o objectivo obter informações, verificar acções e concepções sobre **"o impacto da violência doméstica em crianças da Escola Primária nº386, no Município do Dande na Província do Bengo no ano lectivo 2022/2023.**

Desde já agradeço pela sua colaboração, e te garanto que as suas informações que darás serão bem guardadas e sem nenhuma má intenção.

Questões

3.1.1. Já ouviu falar sobre violência doméstica?

Sim ( ) Não ( ) As vezes ( )

3.1.2. Existem vários tipos de violência doméstica? Quais são?

Sim ( ) Não ( ) As vezes ( )

3.1.3. A violência doméstica pode ter consequências negativas no processo de ensino-aprendizagem?

Sim ( ) Não ( ) As vezes ( )

3.1.4. A violência doméstica baixa o rendimento escolar dos alunos no processo de ensino e aprendizagem?

Sim ( ) Não ( ) As vezes ( )

3.1.5. A violência doméstica no processo de ensino-aprendizagem faz dos alunos medrosos, revoltosos e desenteressados?

Sim ( ) Não ( ) As vezes ( )

3.1.6. Como caracteriza o comportamento dos alunos na escola?.

Agressivo ( ) Moderado ( ) Calmo ( )

Muito obrigada!

INSTITUTO SUPERIOR DE ANGOLA

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Prezado aluno (a), estou realizando essa pesquisa com o objectivo obter informações, verificar acções e concepções sobre **"o impacto da violência doméstica em crianças da Escola Primária nº386, no Município do Dande na Província do Bengo no ano lectivo 2022/2023.**

Desde já agradeço pela sua colaboração, e te garanto que as suas informações que darás serão bem guardadas e sem nenhuma má intenção.

Questões

3.2.1. Já ouviram falar da violência doméstica?

Sim ( ) Não ( ) As vezes ( )

3.2.2. Conhece os tipos de violência doméstica?

Sim ( ) Não ( ) As vezes ( )

3.2.3. Já sofreu violência doméstica?

Sim ( ) Não ( ) As vezes ( )

3.1.3.4. A violência doméstica pode ter consequências negativas no processo de ensino-aprendizagem?

Sim ( ) Não ( ) As vezes ( )

3.2.5. A violência doméstica no processo de ensino-aprendizagem faz dos alunos indivíduos medrosos, revoltosos e desenteressado?

Sim ( ) Não ( ) As vezes ( )

3.1.3.6. Os teus pais têm partido pela agressão física?

Sim ( ) Não ( ) As vezes ( )

Muito obrigado!

ANEXOS